Sociedade civil reage contra o autoritarismo e defende a Justiça Eleitoral

Grandes hospitais renovam aposta estratégica em ensino e pesquisa

ISTOÉ

TRÊS

O BRASIL POLARIZADO

Bolsonaro e Lula afiam suas armas para a campanha eleitoral, que será curta e tensa. Eles representam o triunfo dos extremos e de políticas populistas do País. **Mostramos como bolsonaristas e lulistas se preparam para convencer o eleitor** no pleito mais importante desde o fim da ditadura, em que a própria sobrevivência da democracia estará em jogo

ENTREVISTA

WELLINGTON DIAS

Ex-governador do Piauí (PT)

"O ANTIPETISMO ESTÁ DESMORONANDO"

Por Ana Viriato

Um dos coordenadores da campanha de Lula, Wellington Dias (PT-PI) avalia que o antipetismo perdeu força desde 2018 devido, sobretudo, aos reveses da Lava Jato e aos erros de Jair Bolsonaro — quem, a seu ver, terceirizou o governo a prepostos. Filiado ao PT desde 1985, o ex-governador do Piauí minimiza a necessidade de uma autocrítica do partido tanto pelo envolvimento em escândalos de corrupção quanto pelos equívocos das gestões Lula e Dilma."Podemos ter tido erros, mas, se a gente examinar, a quantidade de acertos foi maior", pontua, em entrevista à ISTOÉ. Moderado, Dias, pré-candidato ao Senado, prega a priorização da pauta econômica, com o reforço de programas sociais e de políticas voltadas à classe média. À frente de rodadas de conversas com o setor produtivo, o petista justifica propostas como a revogação do teto de gastos e acrescenta que o empresariado perderia com uma eventual reeleição de Bolsonaro. Para embasar o argumento, aponta que os reiterados ataques do presidente ao sistema eleitoral integram a lista de razões para a piora da percepção de risco dos investidores internacionais sobre o Brasil, já que as ameaças representam claros riscos à democracia

O sr. é conterrâneo de Ciro Nogueira, que se elegeu na chapa petista em 2018 e fazia juras de amor a Lula. Como vê a mudança brusca dele?

A minha avaliação é de que ele fez uma aposta em relação ao governo de Bolsonaro. Nas decisões políticas, há ônus e bônus. Avalio que há uma mudança no Brasil muito grande em relação a 2018. Há quatro anos, era muito forte o antipetismo por tudo que aconteceu, do Mensalão à Lava Jato. Construiu-se uma imagem que, com o tempo, está desmoronando.

MEA CULPA
Podemos ter tido erros, mas a quantidade de acertos foi maior", diz Wellington Dias

Então não há receio de que o antipetismo decida as eleições de 2022?
Na eleição de Fernando Haddad, chegamos ao pico do antipetismo. Aproximadamente 51% dos eleitores ouvidos em pesquisas feitas à época declararam que não votavam no partido. Até compreendo que, dos 55% dos votos válidos que Bolsonaro teve, aproximadamente 25% eram de pessoas que tinham o pensamento mais próximo do dele, ainda que não o conhecessem bem, e outros 30% o apoiaram pelo antipetismo. Agora, no geral, o sentimento anti-PT foi de 51% para 30%, 29% e segue caindo. Então, são outros os fatores que figurarão como determinantes para o resultado das eleições deste ano.

A que o sr. atribui essa queda?
Depois da prisão, qual o gesto que Lula fez? Saiu de sua casa e foi a de Geraldo Alckmin, com quem concorreu em 2006, e lá, numa conversa simples, disse: 'Você acha que a situação do Brasil está ruim?'. Ele respondeu que sim. E, então, Lula falou que concordava e apontou: 'É hora de esquecermos as diferenças e darmos as mãos'. Coloco isso de forma simples para você entender que a possibilidade maior é de cada vez mais pessoas compreenderem não apenas o que aconteceu na Lava Jato, que armou para tirá-lo das eleições de 2018, mas também analisarem com senso crítico outros momentos. Por exemplo: qual a situação de Bolsonaro? Todas as pessoas que ele tachava como 'bandido', 'corrupto', 'pior político do país', foram chamadas, uma a uma, para estar em seu entorno. Ele entregou o Brasil. Na verdade, o presidente hoje quase não governa. São prepostos que estão na condução do país. Isso é muito perigoso.

> “Todas as pessoas que Bolsonaro tachava como ‘bandido’, ‘corrupto’, ‘pior político do país’, foram chamadas, uma a uma, para estar em seu entorno”

O sr. considera pertinente que o PT faça uma autocrítica?
É preciso compreender que há um problema que vai muito além do PT. Veja que ele não foi o único partido comprometido. Temos o pior regramento para os partidos e política eleitoral do mundo. Se você pegar um globo, girar e apertar o dedo em qualquer país, esse país, certamente, terá uma regra político-eleitoral melhor do que a do Brasil. É um modelo que desvaloriza partidos, ideias e programas. Temos um problema maior. Do ponto de vista de governo, a relação com agentes do agronegócio, do empresariado, da indústria, será melhorada, levando em conta a sintonia com cada parte do Brasil. Em relação às várias ações, podemos ter tido erros, mas se a gente examinar, a quantidade de acertos foi maior.

O PT se corrompeu?
O partido tem cerca de dois milhões de filiados. Tivemos problemas com alguns membros? Sim. Eles pagaram na Justiça ou estão pagando. Somos feitos de pessoas que são parte da sociedade. Porém, a ampla maioria se sustentou na defesa do combate à corrupção. Vamos olhar o caso de Lula. Precisamos lembrar que o ex-juiz Sergio Moro, de repente, se torna um popstar. Imediatamente após a eleição em que tirou o principal candidato, vira ministro de Bolsonaro. Só esse enredo já diz o que aconteceu. O PT também tem, agora, com a candidatura de Lula, a oportunidade de, com mais experiência, dar passos mais seguros.

Mas Lula segue ladeado de figuras enroladas, como José Dirceu.
O próprio José Dirceu, que tem trabalhado a defesa perante a Justiça das acusações que lhe foram feitas, pediu para não fazer parte da coordenação da campanha. Ele tem simpatizantes e, claro, tem viajado. Ele sabe a importância dessa eleição.

Depois de acusar o MDB de um golpe contra Dilma, o PT busca o apoio do partido. Não é controverso?
Há uma compreensão de que o que está em jogo é algo muito maior. Não pense que seja fácil, depois de todas as disputas que tivemos entre PT e PSDB, imaginar, por exemplo, uma aliança entre Fernando Haddad e Márcio França, ou construir uma base de apoio com sete partidos que têm diferenças. É uma orquestra que precisa, mais do que nunca, estar afinada para que a gente alcance os resultados que o Brasil precisa. O primeiro passo foi dado por Lula e Alckmin e é algo que só compreenderemos com o tempo. Levou tempo, por exemplo, para que entendessem o gesto entre Lula e José Alencar.

Como o sr. avalia a postura de Dilma que, ignorando as articulações, nesta semana chamou Michel Temer de “traidor”?
Quando a gente trata de um tema que mexe com o direito individual, a reação tem que ser respeitada. Tanto a do ex-presidente Michel Temer, que, em um gesto, reconhece que ela não praticou crime e foi afastada da política, quanto a de Dilma, que é quem viveu tudo aquilo.

Lula tem apresentado uma postura dúbia. Enquanto amplia agendas com empresários, ataca políticas-chave para a economia, como o teto de gastos e a re- >>

FOTOS: WENDERSON ARAUJO; MARCOS CORRÊA/PR

forma trabalhista. Qual será a versão encampada por ele na campanha?

Nosso projeto é fruto de uma pactuação de sete partidos e lideranças de outras siglas que não estão na coligação. Sobre reforma trabalhista, o que está pactuado? As decisões serão tripartite: governo, trabalhadores e empresários. Todos sentarão à mesa para a definição de mudanças. Em relação ao teto, Lula pretende realizar algo semelhante ao que fez em 2003. Não é apenas pelo corte de gastos que encontraremos uma solução. Há necessidade de um plano com medidas emergenciais. O que ele coloca é que, mesmo numa situação muito delicada, não podemos deixar de ter alguma capacidade de investimentos.

As emendas de relator ainda engessam o orçamento. Haverá mudança nos gastos do Executivo?

O modelo do orçamento secreto gerou muita distorção entre os estados. Há parlamentares que, em sua terra natal, apresentam projetos de R$ 15 milhões. Outros, às vezes eleitos com menos votos, conseguem até R$ 400 milhões. Isso cria uma desigualdade dentro da própria política. Na prática, é uma fraude dos recursos públicos. As emendas, então, voltarão a ser colocadas numa lógica em que o parlamentar, sim, pode indicar, mas as propostas terão de fazer parte desse projeto nacional. Vamos trazer as emendas para o que é a prática republicana e constitucional.

As pesquisas mostram que se quiser vencer no primeiro turno, Lula precisa crescer entre eleitores da classe média. Já existe um plano?

O Brasil alcançou entre 2003, quando Lula tomou posse, até 2012, mais de 50% da população economicamente ativa na classe média. E agora vem perdendo com a queda na renda e também no número de pessoas nessa classificação. Temos um plano que ainda não foi anunciado: está sendo trabalhado o compromisso de reconhecer que há um congelamento na faixa de isenção da tabela do IR que tira renda da classe média, inclusive empurrando uma parte dela para a mais carente. A ideia, portanto, é atualizá-la, para beneficiar mais pessoas. São pessoas que não conseguem mais trocar o veículo, fazer uma melhoria na sua casa ou viajar nas férias.

Mas é preciso, ainda, que essas pessoas consigam aumentar a renda.

Temos o compromisso, que não é só eleitoral, mas uma estratégia econômica, de ampliar a renda da classe média a partir de estímulos a autônomos, micro e pequenos empreendedores, por exemplo. São pessoas que, na pandemia, fecharam suas atividades. Vamos criar um projeto para apoiá-los. Mais: é preciso reformular o salário mínimo, com reajuste pela inflação, mais um ganho real com base no crescimento do PIB. Isso influencia toda a economia.

O senhor participa de discussões com o empresariado. O PT conseguiu quebrar parte da resistência?

O que o setor empresarial de qualquer área pode esperar de Bolsonaro como presidente por mais quatro anos? O que se pode esperar de diálogo, estabilidade interna, previsibilidade? No governo dele criou-se um risco com a forma banal na qual se fazem alterações da Constituição, inclusive sem diálogo, sem entendimento com o setor privado, estados e municípios. Lula é o contrário. Junto com Alckmin, há garantia de serenidade, segurança.

O empenho pela eleição de Lula no primeiro turno é a busca de um seguro contra o golpe?

A gente já assistiu um filme: Estados Unidos. Aqui, quer-se reproduzir o modelo Trump. De um lado, através de fake news, e, do outro, por meio de tensões fabricadas, como a do questionamento das urnas e de ameaças à democracia, para fugir dos verdadeiros problemas. Bolsonaro foi eleito como uma pessoa desconhecida por razões diversas. Agora, a população já o conhece. O conceito que se agiganta é de que ele é um presidente despreparado. O Brasil não é um país qualquer, é um avião muito grande, que está sendo pilotado por um motorista de tanque de guerra.

> "O PT tem cerca de dois milhões de filiados. Tivemos problemas com alguns membros? Sim. Mas eles pagaram na Justiça ou estão pagando"

E qual é a conseqüência disso?

É que a cada dia teremos mais destruição, seja do que o país tinha de alicerce para o desenvolvimento, seja do que é essencial para a qualidade de vida e a democracia. Mas, a partir da Constituição de 1988, o povo brasileiro passou a viver uma nova era e não quer dar passos para trás. O lema 'Ditadura nunca mais' faz muito mais sentido hoje do que fazia nos anos 80. As instituições estão unidas.

O PT mede a temperatura junto às Forças Armadas?

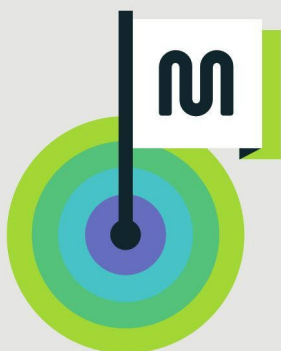
As Forças Armadas, pelo que temos acompanhado, vão manter o compromisso com a Constituição e, nesse sentido, defenderão a democracia. ■

FOTO: DIVULGAÇÃO

MARKETING DE RECOMPENSA: ENTENDA COMO APLICAR ESSA ESTRATÉGIA

Segundo um levantamento conduzido pela PWC, foi identificado que 73% dos entrevistados no mundo apontaram a experiência do consumidor como um fator relevante nas suas decisões de compra, enquanto no Brasil o índice foi ainda mais alto, de 89%. Nesse sentido, algumas estratégias têm se mostrado eficazes em aproximar as marcas do público, sendo uma das principais e mais conhecidas o marketing de recompensas.

O formato envolve a oferta de determinadas vantagens e benefícios aos consumidores após eles adquirirem algum serviço ou produto da empresa. É um método clássico, que envolve deixar o cliente feliz para ele comprar. Porém, muitas empresas recorrem a táticas desgastantes para tal e se esquecem da importância da assertividade nos negócios.

Ilustremos com um exemplo. Uma marca de cartões tem o desafio de fazer com que clientes inativos por mais de três meses voltem a utilizar o cartão de débito como forma de pagamento. Para incentivá-los, desenvolve-se uma campanha por meio de uma plataforma digital: ao usar o recurso, o cliente recebe um voucher para trocar por um sorvete de casquinha. Uma solução simples, mas que tem como base estabelecer engajamento e mostrar ao consumidor que ele é valorizado, e não apenas mais um número em uma planilha de metas.

Quando uma pessoa pretende adquirir um serviço ou produto, mas volta com mais do que isso, ela tem a certeza de que tomou a decisão certa. Ao ser recompensada, ela entende que parte do valor investido foi retornado, criando a sensação de que foi presenteada. Muitas vezes, o consumidor pode pensar que o ato de comprar é suspeito, ao questionar-se se quem está do outro lado quer apenas o seu dinheiro ou, de fato, ajudá-lo a alcançar seu objetivo. Por esse motivo, recompensar por meio de pontuações não é o melhor caminho dentro dessa estratégia.

Não se deve confundir o desejo do cliente de ter uma experiência boa com passar horas na frente de uma tela para realizar a compra. Dessa forma, há a possibilidade dele enxergar o acúmulo de pontos, para ser beneficiado no futuro, como um desgaste financeiro e emocional, o que não criaria o sentimento descrito acima. A assertividade e a agilidade promovida pelos novos aplicativos e ferramentas das empresas se desvirtuariam dessas características caso criassem mais barreiras para a relação com o seu usuário.

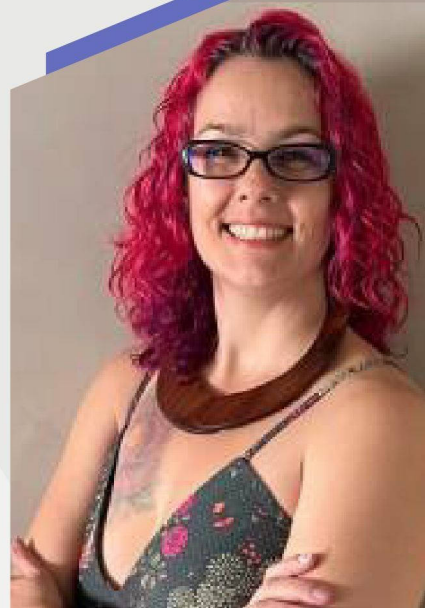
Não à toa, o relatório Loyalty Barometer Report de 2021, feito pela Hello World, revelou que 81% das pessoas desejam criar um relacionamento com as marcas. É um procedimento que envolve confiança e, consequentemente, traz a fidelização dos consumidores. Um público fiel garante as vendas e o reconhecimento de que aquela marca é um sinônimo de qualidade e bom atendimento; afinal, ninguém que passa por uma experiência de consumo satisfatória guarda essa sensação apenas para si.

Sem dúvidas, todos já ouviram alguém recomendar uma loja pelos descontos, especialmente nos dias atuais, em que muitas trazem preços mais baratos nos sites do que nas unidades físicas. Desde sempre, ofertas e prêmios são meios assertivos em incentivar a compra como forma de recompensa, ainda que não sejam os únicos. É possível citar os dispositivos que permitem ao usuário ver conteúdos digitais especiais ou mesmo sistemas que viabilizam o uso de crédito.

Portanto, a tecnologia abriu espaço para as marcas não só estimularem o usuário de suas plataformas a pagar por um produto, mas também exibir um determinado comportamento. Um consumidor satisfeito é, na verdade, um consumidor que passou por uma experiência positiva, e não só achou o serviço que procurava. O marketing de recompensas é fundamental ao estruturar esse processo, pois é uma estratégia que promove benefícios para todos os envolvidos, desde que planejada visando a praticidade.

ERICA BRIONES
é diretora de produtos da Minu.
Com mestrado e especializações na área de Negócios, em instituições como FGV, USP, PUC-RS e ESPM, ela também é membro do conselho na Agile Alliance Brazil e na Mulheres de Produto.

Editorial

Carlos José Marques, *diretor editorial*

O RUGIDO DA ELITE

É um movimento tão extraordinário como alvissareiro. Até aqui, parte considerável da chamada elite brasileira parecia apática, resignada e silenciosa, quase cúmplice, diante dos descalabros cometidos em todas as direções pelo governo do capitão Bolsonaro. Nenhuma afronta à Carta Magna, desaforos praguejados contra as instituições da República, abusos no Orçamento público ou mesmo o desprezo pelas causas mais essenciais e caras à população – como garantia à saúde, educação e comida no prato, que falta no de tantos – pareciam capazes de comover a nata social (parte dela consciente e pensante), a ponto de levá-la à reação. Mas, aos poucos, felizmente, as coisas estão mudando. Um cordão de isolamento começou a ser montado diante da aberração do governo que claramente conspira e já assumiu o seu viés golpista, dizendo aos quatro ventos que, sim, irá atentar contra à democracia. Estabeleceu até data – o Sete de Setembro, em meio às comemorações que deveriam ser festivas do bicentenário da Independência – e passou a convocar sistematicamente seus correligionários de seita para uma espécie de algazarra geral contra o sistema eleitoral (pilar da democracia), seja qual for o resultado que não se mostre favorável. De um descaramento inominável a petulância do atual inquilino do Planalto, que tenta, a ferro e fogo, se garantir no poder. Bolsonaro move os recursos possíveis — financeiros, políticos, militares e, quiçá, milicianos. Apela à ilegalidade explícita, em uma baciada de crimes de responsabilidade e, até aqui, não enfrentava maiores resistências. Nem mesmo dos senhores parlamentares da Casa Legislativa, que deveriam, essencialmente, servir de contrapeso a favor do povo diante dos devaneios do Executivo. O levante das chamadas classes dominantes começou, afinal, a se costurar e a ser desenhado quando o presidente tratou de destruir a credibilidade do País numa apoplética reunião com embaixadores de países diversos para difamar o voto eletrônico. Se deu mal. Cerca de 80 instituições, em uníssono, protestaram e condenaram o ato. Da Fiesp à Febraban, todos aderiram à causa. Vieram alertas de todos os lados. Seguiram-se mobilizações setoriais para, de alguma forma, blindar o sistema com apoio explícito aos resultados do pleito — a acontecer logo mais em outubro. Ao arreganho bolsonarista apareceram respostas firmes de banqueiros, empresários, economistas, juristas e formadores de opinião, que assinaram um manifesto dando assim o verdadeiro basta a tanta insanidade. "As coisas estão transbordando", apontou o empresário Horácio Lafer Piva, uma das vozes mais lúcidas e aguerridas do empreendedorismo nacional. E está certo. Transbordou mesmo a paciência geral. No 11 de agosto está previsto um grito nas ruas de resistência a Bolsonaro. Nada supera a força de um posicionamento firme e claro de todos os extratos sociais a favor dos valores que lhes são mais caros. Impingir a uma população engajada a rendição incondicional a regimes totalitários é batalha perdida para arrivistas como o capitão — ele, em pessoa, um cancro que precisa ser extirpado da política, evitando que o seu obscurantismo crie metástase e raízes. Não há registro histórico no Brasil de algo igualmente perverso e fora de contexto gerado por um caudilho de atitudes tão anacrônicas e desestabilizadoras do sistema. Ante a gravidade das ameaças, que crescem a cada dia com a animosidade presidencial, a reedição da Carta aos Brasileiros – que na década de 1970 fez história em pleno regime da ditadura – veio em boa hora. Desta feita, lida em brado pelo ex-ministro do Supremo Tribunal Federal e ex-decano da Corte Celso de Mello. Como bem disse o jurista, "Bolsonaro mostra-se um político medíocre que tem aversão à democracia". Precisa ser impedido de avançar na sua sanha, para o bem geral da Nação. O Brasil necessita agora de todas as vozes possíveis em defesa dos valores e princípios, e do respeito à Constituição. No ápice do absurdo sem limites torna-se vital deixar as divergências ideológicas, ou mesmo interesses pessoais, de lado, e se unir numa coalizão indissolúvel, contra os pendores arbitrários, venham eles de onde vierem. Mesmo direto do Palácio do Planalto. Que desalojem do poder aquele que jurou cumprir a Carta e que hoje exibe, sem constrangimento, diariamente, o desejo irrefreável de rasgá-la para reinar absoluto, subjugando cada um dos brasileiros aos seus caprichos e esquemas. Democratas do mundo inteiro estão atentos ao que ocorrerá nas eleições por aqui. O governo dos EUA já expressou abertamente o seu receio nesse sentido e apelou para o resgate do bom-senso por parte das Forças Armadas, que não podem se alinhar aos devaneios de um projeto de ditador. O Brasil não precisaria estar passando por isso. Lastimável a armadilha em que caiu ao escolher um desatinado para o comando. No modo desespero, o Messias bananeiro tenta a última cartada, investindo na anarquia para desarranjar os fundamentos republicanos e evitar o destino da cadeia, que é o lugar que merece pelo que fez. Os desvarios autoritários de certas figuras não podem triunfar sobre a consciência geral que preza pela liberdade. O repúdio a acenos despóticos chegou no momento certo. Mesmo as elites não estão mais hipnotizadas e passaram a reagir pedindo respeito às regras. Que assim seja. ■

FOTO: ISTOCKPHOTO

Sumário

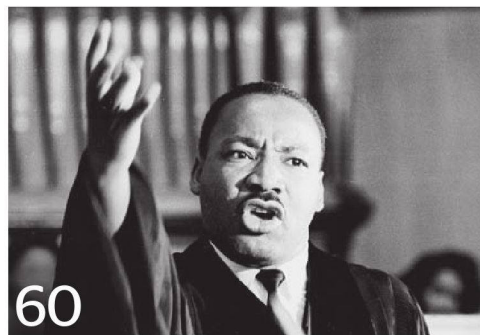
Nº 2740 – 3 de agosto 2022
ISTOE.COM.BR

18 **SEMANA** O papa Francisco foi ao Canadá para pedir perdão pelos maus tratos da Igreja Católica às crianças do país

20

CAPA Saiba como Bolsonaro e Lula estão preparando suas campanhas para a eleição mais polarizada e importante desde a ditadura militar. No sufrágio de outubro está em jogo a sobrevivência da própria democracia

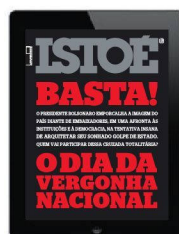
42

SAÚDE O Brasil não está preparado para enfrentar a varíola dos macacos, declarada emergência global pela Organização Mundial da Saúde

60

CULTURA Livro traz fatos inéditos da histórica marcha liderada por Martin Luther King Jr., em Washington, em 1963, marco na luta dos negros pelos seus direitos civis nos EUA

FOTOS CAPA: EVARISTO SÁ/AFP FOTOS EDITORIAIS: PATRICK T. FALLON/AFP; RICARDO MORAES/REUTERS/FOTOARENA; WASHINGTON ALVES/REUTERS/FOTOARENA; PHIL NIJHUIS/ANP MAG/ANP/AFP, ROBERT ABBOTT SENGSTACKE/GETTY IMAGES

por Antonio Carlos Prado

Diretor de Edição de ISTOÉ

FADIGA DO MATERIAL

A melhor e mais recente resposta ao presidente Jair Bolsonaro e ao seu projeto golpista na hipótese de ele perder a reeleição tem uma só palavra: basta. Ela veio de Edson Fachin, presidente do TSE e ministro do STF. Bolsonaro reunira em Brasília 40 embaixadores para "provar que urnas eletrônicas são vulneráveis". Ao final de sua fala (que contou com Power Point ruim de inglês), o presidente conseguiu em troca 40 opiniões contrárias as suas e 40 certezas de que ele intenciona mesmo dar um golpe no Brasil se tiver de deixar o Planalto pelo sufrágio popular. Bolsonaro estava em busca de cumplicidade, encerrou o evento mais isolado que nunca. No desespero de quem não tolera frustração, bravateou: "as Forças Armadas não assistirão quietas às eleições". Fachin respondeu, e sua palavra tornou-se senha para a reação do mundo democrático contra o autocrata brasileiro. Basta.

Bolsonaro repete que contará com o apoio do Exército. Basta. Militares que se alojam no Planalto estão bastante alvoroçados. Basta. Entre eles pode-se destacar o ministro da Defesa, general da reserva Paulo Sérgio Nogueira. Basta. Aliás, falando-se nele, ressalte-se que já extrapolou todos os limites republicanos e democráticos da crítica. Além disso, ele não tem nada a ver com o processo eleitoral, assim como as Forças Armadas não têm de se imiscuírem nesse terreno – é sempre a mesma litania. De onde o general tirou que é de sua competência institucional ficar criticando urnas eletrônicas? Segundo a Constituição, o que ele tem de fazer é patrulhar fronteiras. Então, basta.

Ao que se assiste é a velha tática da extrema direita de inventar um inimigo interno para tentar manter e inflar a animosidade de correligionários contra aqueles que julgam inimigos – inimigos imaginários. Foi assim no início da jornada republicana, quando os fanáticos pelo ex-presidente Floriano Peixoto inventaram que havia gente tramando o retorno à monarquia. Essa foi a mentira dos florianistas logo depois de 1895. A "vulnerabilidade" das urnas eletrônicas é a falácia dos bolsonaristas no começo do século XXI. Já houve um assassinato claramente ligado a questões de ideologia. Chegou o momento, portanto, de todos os defensores da democracia dar um definitivo basta aos golpistas, que ousam desrespeitar até o Poder Judiciário, incansável na luta pela manutenção do Estado de Direito. As Forças Armadas ficaram desgastadas e desprestigiadas em decorrência das torturas e dos assassinatos que alguns de seus membros impuseram a adversários ideológicos ao longo da ditadura militar. O Exército, principalmente, é hoje material fatigado. Por que, então, alguns de seus generais tanto insistem no retorno à política?

por

PRIVILÉGIO DAS ARMAS

Quatro de julho, o dia da independência dos EUA, foi marcado por outra tragédia envolvendo armas. Robert Crimo, 22 anos, armado com um fuzil, abriu fogo contra a multidão que acompanhava um desfile em Chicago, matou 7 pessoas e feriou outras dezenas. Já são 309 tiroteios em massa somente este ano. Fundado sobre cadáveres de índios e extrema violência racial contra negros, o país reluta, até hoje, em abrir mão do direito ao porte irrestrito de armas garantido pelos fundadores da nação em 1788. A cultura da violência americana é difícil de combater.

Esforços no sentido de dificultar o acesso a armas e munição são pífios e não têm surtido efeito. Recentemente, a Suprema Corte, dominada por juízes conservadores, decidiu derrubar limites para o porte de armas fora de casa, reforçando a ideia do "cada um por si", na contramão do esforço civilizatório da não violência. Seguindo o caminho do retrocesso, o Brasil também tem socialmente regredido

O Brasil também tem socialmente regredido com o esfacelamento do Estatuto do Desarmamento

Rachel Sheherazade

Jornalista

com o esfacelamento do Estatuto do Desarmamento conduzido por Jair Bolsonaro. O governo atua contra o desejo de 7 em cada 10 brasileiros que discordam de sua política armamentista. Mas, há um setor feliz com o afrouxamento. A indústria armamentícia comemora o aumento exponencial de vendas e, claro, dos lucros! De acordo com o Instituto Igarapé, desde o início do atual governo, a indústria de armas e munições no Brasil (que se resume basicamente a três empresas: Taurus, Imbel e CBC) cresceu mais que o mercado internacional, atingindo uma média anual de 32,2%. Os lucros, a propósito, são contabilizados na casa dos bilhões.

Brinquedos letais, no entanto, custam caro para o brasileiro comum.

Uma pistola Taurus calibre 38, das mais comuns no mercado, chega a custar aproximadamente R$ 5 mil, isso sem contar despesas com munição e licenciamentos. O tal "direito à defesa pessoal" tão apregoado pelos armamentistas trata-se, na verdade, de um privilégio concedido aos poucos que podem pagar por ele.

Esquecem que defesa pessoal não é segurança pública, essa sim, de responsabilidade exclusiva do Estado, que não pode dela se eximir sob qualquer pretexto. Armar a população é apostar no caos. Em qualquer situação, arma não é defesa. É ataque, ou, no mínimo, contra-ataque. Não se faz paz com armas. Faz-se medo e desconfiança. Faz-se mortos e feridos e mutilados. E para um grupo muito restrito de senhores, faz-se fortunas. Nem ataque nem contra-ataque. A melhor defesa será sempre a civilidade.

por Cristiano Noronha

Cientista político

REFORMAS SUSPENSAS

O Congresso Nacional, após a aprovação da Lei de Diretrizes Orçamentárias, entrou em recesso. Até o primeiro turno das eleições, marcado para o dia 2 de outubro, o Legislativo deve ter apenas mais duas semanas de trabalho. São as chamadas semanas de esforço concentrado para votar aquilo que for essencial, por exemplo, alguma medida provisória perto de perder validade.

Com isso, a agenda de reformas e regulatória ficam adiadas até, pelo menos, após o primeiro turno, com chance de paralisação até o segundo turno (30 de outubro). Mesmo assim, a retomada de votações de temas relevantes tem grande chance de ser postergada para o próximo ano, a depender de quem ganhe as eleições. Entre esses temas estão Reforma Administrativa, Reforma Tributária, privatização dos Correios, licenciamento ambiental, mudança no marco do setor elétrico.

Se Lula (PT) vencer o pleito, certamente os temas mencionados não devem avançar, pois há forte resistência a ela por parte do ex-presidente. Além disso, em uma eventual vitória de Lula, o poder de articulação do atual governo seria drasticamente reduzido. Se o presidente Jair Bolsonaro (PL) vencer, há alguma chance de avanços pontuais. Mesmo assim, com dificuldades. Vale lembrar que, excepcionalmente, a Copa do Mundo será realizada em novembro e dezembro. E, em dias de jogos da seleção brasileira, o País para.

Independentemente de quem vença as eleições, teremos uma Reforma Ministerial em curso. Esse tipo de negociação gera ruídos e interfere no funcionamento do Congresso. E mudanças também acontecem no plano estadual. Trata-se de articulações fundamentais para que o mandatário eleito, seja no plano federal ou estadual, viabilize condições mínimas de governabilidade. Outro fator que contribui para o debate de reformas é que a sucessão na Câmara e no Senado serão discutidos. Arthur Lira (PP-AL) terá mais chance de reeleição na hipótese de vitória de Jair Bolsonaro; no Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG) pode ter chance similar, não importa quem vença. Mas, certamente com Lula na Presidência, a possibilidade de troca seria maior.

O dia seguinte às eleições pode vir a ser marcado por questionamentos jurídicos em relação ao processo eleitoral

Vale ressaltar ainda que, dependendo do resultado eleitoral, podemos ter algumas tensões, fruto do grau exacerbado de polarização nessa corrida sucessória. O dia seguinte às eleições pode vir a ser marcado por questionamentos jurídicos em relação ao processo eleitoral. Vale lembrar que a eleição nem sequer começou e o Tribunal de Contas da União já analisa um questionamento sobre as intenções da chamada PEC dos Combustíveis (ou PEC dos Benefícios Sociais). Ou seja, reformas estruturais mesmo, só depois do Carnaval.

Frases

“Os meus personagens são crianças e criança não mexe com política”

MAURÍCIO DE SOUSA,
cartunista e criador da Turma da Mônica

“A falha do movimento feminista é esquecer as mulheres mais velhas. Depois dos 50 anos passamos a ser ignoradas”

ISABEL ALLENDE, escritora e jornalista chilena, prestes a completar o seu octagésimo aniversário

---

“Hoje em dia não consigo mais andar pelas ruas como anônimo. Todas as vezes que sinto tristeza, é só ir para a rua que recebo carinho”

BABU SANTANA, ator

“PERDI A VONTADE DE JOGAR POR CAUSA DO ASSÉDIO E DO MACHISMO”

PAIGE SPIRINAC, ex-golfista norte-americana, que já foi considerada a mulher mais sexy em todo o mundo

---

“HÁ, SIM, O RISCO DE RECESSÃO GLOBAL”

MICHAEL GAPEN, economista-chefe do Bank of América

FOTOS: BRUNO SANTOS/FOLHAPRESS; REPRODUÇÃO; VICTOR POLLAK/GLOBO; REPRODUÇÃO

"ESSE HOMEM É MILICIANO, ASSASSINO E APOIADOR DO GOVERNO BOLSONARO. ELE NÃO PODE SEGUIR À FRENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO"

RICARDO RAO, ex-servidor da Funai e indigenista, referindo-se a Marcelo Xavier, presidente do órgão

"DEMONSTRAR INTERESSE POR DANÇAR PELA COMPANHIA FOI ESSENCIAL PARA CONSEGUIR ESPAÇO"

DANIEL CAMARGO, bailarino brasileiro, ao destacar-se no American Ballet Theatre

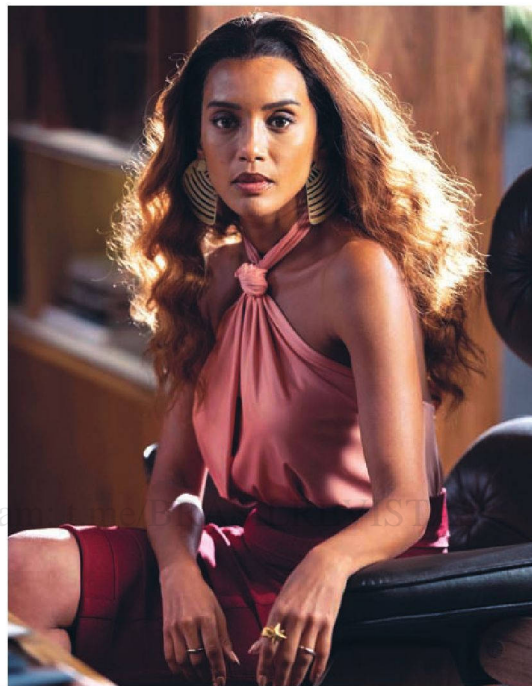
"BOLSONARO É O CULPADO PELO DERRAMAMENTO DE SANGUE NO CONTEXTO ELEITORAL"

SILVIO LUIZ DE ALMEIDA, filósofo e jurista

"PREFIRO PRENDER, MAS, INFELIZMENTE, HOUVE REAÇÃO"

RONALDO OLIVEIRA, delegado e subsecretário operacional da Polícia Civil do Rio de Janeiro, após operação das forças de segurança do estado, no Complexo do Alemão, que causou a morte de pelo menos 19 pessoas

"Cuidamos um do outro simultaneamente e em todos os momentos"

TAÍS ARAÚJO, atriz, sobre o seu relacionamento com o ator Lázaro Ramos, seu marido

"Assim como nos Estados Unidos, a escravidão moldou a sociedade brasileira"

SAIDIYA HARTMAN, escritora norte-americana

"TENHO O DESEJO DE AJUDAR OS MENORES. QUERO DAR A ELES A MESMA CHANCE QUE TIVE"

RAPHAEL VEIGA, jogador de futebol do Palmeiras, após criar a ONG Projeto 23

"A INTRODUÇÃO DOS ANTIDEPRESSIVOS E DOS PSICOFÁRMACOS NO TRATAMENTO DE SAÚDE MENTAL REPRESENTA UM DIVISOR DE ÁGUAS"

JOSÉ GALLUCCI NETO, psiquiatra, discordando da tese de que a baixa do humor deve-se ao ambiente

por Germano Oliveira

Brasil Confidencial

Colaboraram: Marcos Strecker e Ana Viriato

ENCRUZILHADA
Agora é definitivo e lamentável: Lula ou Bolsonaro serão o próximo presidente

Enrascada política

Com o fim das convenções dos principais partidos que disputarão a Presidência em outubro, começa agora, para valer, a campanha eleitoral que elegerá, dentro de dois meses, o novo presidente. Sem ninguém expressivo na terceira via ou um candidato alternativo suficientemente forte para enfrentar **Lula** ou **Bolsonaro**, chegamos à triste constatação de que o Brasil voltará a ser governado por um dos dois representantes do extremismo e do populismo, que tanto mal fez ao Brasil nas últimas décadas. Com os doze candidatos chancelados pelos partidos nas convenções, não resta dúvida de que a polarização entre o bolsonarismo e o lulopetismo seguirá até o final e um dos dois vencerá o pleito, no primeiro ou no segundo turno. Não há a mínima possibilidade de surgir um terceiro nome.

Esquerda

A chapa do PT com o PSB foi a primeira a ser formalizada e é a que tem mais chances de vencer. Lula disputará a sexta eleição para presidente, das quais já venceu duas (2002 e 2006), enquanto que o vice Geraldo Alckmin, que foi governador de São Paulo pelo PSDB por quatro vezes, já disputou a presidência em outras duas ocasiões (2006 e 2018).

Direita

Bolsonaro teve a chapa chancelada pelo PL no domingo, 24, no Rio, tendo Walter Braga Netto de vice. A aprovação da dobradinha bolsonarista para disputar a reeleição teve um gesto simbólico. Ao escolher um general para vice, Bolsonaro procurou mostrar que terá as Forças Armadas ao seu lado caso perca para Lula, mesmo isso sendo uma heresia.

Como Damares foi traída

Damares Alves sentiu na pele a força da traição de Jair Messias. Ela esperava ser candidata ao Senado pelo DF com apoio de Bolsonaro, mas levou uma rasteira. O presidente optou por Flávia Arruda para a vaga de senadora na chapa bolsonarista encabeçada pelo governador Ibaneis Rocha. O marido de Flávia, o ex-governador José Roberto Arruda, preso por corrupção no passado, será candidato a deputado federal.

RÁPIDAS

* Ana Arraes, presidente do TCU, está se aposentando após fazer 75 anos. Em seu lugar ficará interinamente Bruno Dantas. A vaga de Ana será preenchida por alguém da Câmara: Arthur Lira já acertou que a boquinha será do deputado Jhonatan de Jesus (Republicanos-RR).

*** Ciro Gomes está cada vez mais isolado. Rompeu acordo de 16 anos entre o PT e o PDT para o governo do Ceará. Lançou Roberto Cláudio (PDT) para governador, enquanto o PT apoiava a atual governadora Izolda Cela.**

* Lula passou vexame em visita a Recife na semana passada, onde esteve para apoiar Danilo Cabral, candidato do PSB a governador na aliança com o PT. O socialista foi vaiado, enquanto a ex-petista Marília Arraes foi aplaudida.

*** Bolsonaro não se emenda. Nomeou o advogado Téssio da Silva Torres para o cargo de desembargador do TRT da 22ª Região, com sede em Teresina. Ele é cunhado de "Eduardo Imperador", investigado por fraudes na Codevasf.**

FOTOS: DIVULGAÇÃO; MATEUS BONOMI/AGIF/AFP; EVANDRO LEAL/AGÊNCIA ENQUADRAR/FOLHAPRESS; KARIME XAVIER/FOLHAPRESS; MARYANNA OLIVEIRA/CÂMARA DOS DEPUTADOS; TON MOLINA/FOTOARENA/FOLHAPRESS; PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

RETRATO FALADO

“Há risco real de um autogolpe no Brasil”

*O cientista político **Steven Levitsky**, da universidade Harvard e autor do best-seller “Como as Democracias Morrem”, disse ao “Estadão” que a recente onda de ataques de Bolsonaro à Justiça Eleitoral e ao sistema das urnas eletrônicas acende no Brasil o alerta para a possibilidade de acontecer um episódio semelhante ao que aconteceu nos Estados Unidos no dia 6 de janeiro de 2021, quando Trump mandou seus aliados invadirem o Capitólio para não permitir a vitória de Biden.*

Brasil envelhece

Que o brasileiro está ficando mais pobre todo mundo sabe, mas o IGBE divulgou dados de uma pesquisa feita com base em levantamentos de 2012 a 2021 mostrando que há uma tendência grande de envelhecimento da população, com uma queda no número de pessoas mais jovens, em comparação com o aumento da população com mais de 30 anos. Gente dessa faixa de idade subiu de 50,1% da população em 2012 para 56,1% em 2021 (aumentou de 99,1 milhões para 119,3 milhões). A proporção de pessoas com mais de 60 anos aumentou de 11,3% para 14,7% entre 2012 e 2021, com uma alta de 39,8% (cresceu de 22,3 milhões para 31,2 milhões). E a tendência é envelhecer ainda mais.

TOMA LÁ DÁ CÁ

KIM KATAGUIRI (UNIÃO-SP), DEPUTADO E LÍDER DO MBL

O União Brasil deve escolher um lado no segundo turno entre Lula e Bolsonaro?

Espero a neutralidade. Defendo que o partido esteja na oposição, independentemente de quem vença, porque são dois projetos corruptos e autoritários de poder que precisam ser combatidos.

O sr. não usará fundo eleitoral. Considera que a vaquinha virtual tem sido bem-sucedida?

Estou batendo a marca de R$ 100 mil em doações, o que representa o dobro do que arrecadei na vaquinha de 2018.

Como vê a postura de Lira diante da escalada dos ataques de Bolsonaro à democracia?

Ele tem sido omisso. Bolsonaro descredibiliza o País. Prevendo sua derrota, prepara o campo para um golpe de Estado ou para insuflar a população contra o TSE.

Censo

Para traçar o perfil da população, o IBGE dará início ao novo censo, que começa nesta semana em todo o País. Pelos dados atuais, o Brasil possui 212,7 milhões de brasileiros. Analistas dizem que o número de habitantes não vai ter uma explosão, já que somente no ano passado a Covid matou 670 mil pessoas.

Mordomias do Senado

O presidente do Congresso, **Rodrigo Pacheco**, curtiu o recesso parlamentar em Miami (EUA). Embora tenha embarcado a lazer e não para atender compromissos oficiais, a viagem de 13 dias custou aos cofres públicos. É que o parlamentar levou a tiracolo dois policiais legislativos, responsáveis por sua segurança, que receberam R$ 59,1 mil em diárias.

No muro

Pacheco é aquele que faz um indisfarçável jogo duplo. Ao deixar a CPI do MEC para depois das eleições, favorece Bolsonaro, assim como já havia feito ao se negar a abrir a CPI da Covid – só abriu por ordem do STF. Em outros momentos, como líder do PSD de Gilberto Kassab, faz discurso de oposição e critica o governo, com ataques ao presidente.

A fiel bolsonarista

Nada parece abalar o prestígio de Bolsonaro junto a Regina Duarte. Enxotada do governo federal, a atriz criou um perfil no Instagram para fazer a defesa do presidente e criticar Lula. Na página intitulada “Liberdade Abre Asas”, ela conclama a população, inclusive, a comparecer aos atos do Sete de Setembro, quando Bolsonaro pretende realizar mais um ataque ao sistema eleitoral.

Coluna do Mazzini

ARRUDA QUER BRB PARA AMIGOS

A literatura política brasileira tem conhecidos casos de uso político de bancos estaduais por governadores para ajudar amigos em empréstimos generosos, atropelando regras, nem sempre pagos. Muitos foram os episódios no Banerj, Bemge, Banestado, Banpará etc. A maioria das instituições faliu ou foi vendida para bancos privados, a preço de banana. Parece que a velha prática assombra a sede do Banco de Brasília (BRB) – que saiu em 2019 das páginas policiais para as de lucros a acionistas. Elegível, por ora, numa canetada do ministro Humberto Martins (STJ), o ex-governador condenado José Roberto Arruda (PL) usa poder de seu espólio eleitoral para tentar abocanhar o controle do BRB, caso o neoaliado Ibaneis Rocha (MDB) seja reeleito. Entre portas, isso foi jogado à mesa e o governador não gostou. A gestão atual do GDF barrou a tentativa. E qual o interesse de Arruda no BRB? Ele é pressionado por antigos parceiros, que sempre usaram o caixa do banco para lucrar em seu governo relâmpago no DF.

Ex-governador usa poder eleitoral para tentar o controle do banco do DF, a fim de ajudar amigos endividados que sempre apelaram à instituição

Delegados inativos repudiam nota

Dirigentes da Associação Nacional dos Delegados de PF e da Federação Nacional de Delegados de PF foram surpreendidos com áudios de colegas aposentados com críticas à nota das entidades sobre a postura do presidente Bolsonaro quanto às urnas eletrônicas. A Coluna teve acesso a áudios dos delegados Antônio Rayol e Dermeval Barreto. O primeiro diz que vai se desfiliar da ADPF. Tanto esta quanto a Fenadepol consultam seus associados para soltar posições do tipo. A motivação já foi elucidada pelas associações aos seus pares. Eles são bolsonaristas. Rayol, aliás, palestrou dia 25 em evento de apoiadores do presidente na Baixada Fluminense.

Piri com "vigias"

Problemas de grandes capitais chegaram à bucólica e turística Pirenópolis (GO). Alguns comerciantes e moradores do centro histórico têm sido visitados por autodeclarados "vigias" de rua, que propõem uma taxa mensal de segurança na porta. Há suspeita de conivência da Polícia Militar e o caso chegou ao comando da Secretaria de Segurança de Goiás.

Desmantelamento da Funai desde o PT

O desmantelamento da Fundação Nacional do Índio começou no Governo Lula da Silva, piorou no de Michel Temer, e se escancarou na gestão de Bolsonaro, com a instituição perto de virar uma portinha de sala escondida. É o que relatam indígenas. Citam que, no Governo Lula, o órgão foi entregue para o Centrão e controlado por ruralistas, que indicavam técnicos aceitáveis para as etnias. Mas desde então perderam benefícios como pagamentos de passagens em aéreas e em ônibus interestaduais para emergências de saúde e missões em capitais. Com o tempo, também, as portas foram se fechando literalmente em Brasília.

FOTOS: PATRICK GROSNER/FOLHAPRESS; GUILHERME CAVALLI/CIMI; YASUYOSHI CHIBA/AFP

por Leandro Mazzini

Colaborou: equipe de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo

Violência trava teleférico no Rio

As duas operações recentes da PM do Rio de Janeiro no Complexo do Alemão, que concentra cinco favelas, são parte de programa de segurança pública tocado pelo Governo a fim de abrir caminho para a volta do Teleférico sobre a comunidade – e outros serviços do Estado e empresas privadas parceiras paralisados desde a malsucedida gestão de Sergio Cabral. Mas a repercussão negativa das dezenas de mortes e o clima de instabilidade na região travaram o projeto infraestrutura e cidadania. O governador Claudio Castro cobra resultado para até fim do ano, antes da tentativa de eleição.

A turma do coturno pegou na enxada

A PM de Dom Inocêncio (PI) descobriu plantação de pés de maconha num sítio. Parte da terra bem capinada e irrigada. Porém nenhuma alma viva no trato. A lamentação foi grande sem o flagrante. Não para encarcerar os elementos. Sobrou para a tropa arrancar os milhares de pés da planta.

FIPE terá faculdade

Na onda da estreia de marcas tradicionais no ramo do ensino superior, a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas Fipe teve aval do Conselho Nacional de Educação, do MEC, para lançar a Escola de Ensino na capital paulista. Com cursos tecnologia em Gestão Financeira e em Gestão Pública. Será instalada na Av. Paulista, em dois andares.

OAB, brancos e pretos

Situação estranha ocorre em BH. A relação da seccional da OAB-MG com nomes à lista sextupla para indicados ao novo TRF (6ª Região) circula nas bancas com citações "branco", "pardo" e "preto" ao lado de sobrenomes de potenciais candidatos. A Ordem argumenta que trata-se da publicização da sua paridade de gênero e cota racial.

NOS BASTIDORES

A estratégia militar

Ex-interventor de Segurança no Rio, vice na chapa de Bolsonaro, o linha-dura Gal. Braga Netto quer passar imagem mais leve ao eleitorado. Jogou futvôlei na praia sábado.

Pulsos de lata dourada

Com tanta pompa nas redes sociais, a influencer Deolane Bezerra, alvo de operação recente, teve de revelar à Polícia Civil que dois relógios de ouro Rolex apreendidos em sua casa são falsificados.

A dor da agulhada

O Brasil sente nas drogarias a falta da amoxicilina, antibiótico tão importante na praça, em especial no período de inverno para quem tem problemas respiratórios e sinusite. Sem o medicamento, pais têm que recorrer à injeção para crianças.

Jurista merece mais

A despeito da boa intenção da deputada Janaína Paschoal, autora da lei, amigos do falecido Hélio Bicudo acharam pouca a homenagem que deu seu nome ao Centro de Detenção Provisório em Mogi das Cruzes.

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista

Semana

por Antonio Carlos Prado e Fernando Lavieri

RELIGIÃO

Papa Francisco pede perdão por genocídio cultural

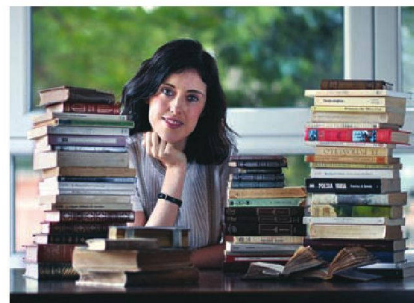
ATO HISTÓRICO Francisco em vista à cidade de Maskwacis: ainda que feridas não cicatrizem, relações do governo canadense com o Vaticano estão pacificadas

> **“Peço perdão pelo modo que membros da Igreja Católica cooperaram, indiferentes, com esse projeto de destruição humana”**
> **Papa Francisco,** em pronunciamento em Maskawacis, no Canadá

O papa Francisco é hoje a principal liderança em busca de um mundo no qual todos os povos e todas as religiões honrem seus compromissos éticos e civilizatórios. Um dos mais significativos gestos nessa direção Francisco deu na semana passada, quando, em visita ao Canadá, pediu perdão pelas atrocidades cometidas pela Igreja Católica naquele país contra as mais diversas etnias indígenas. Entre 1880 e 1990, cento e dez anos, portanto, pelo menos **cento e cinquenta mil crianças foram separadas à força de suas famílias para serem aculturadas – em uma terminologia menos antropológica, o intuito era que conseguissem assimilar os costumes ocidentais e esquecessem suas culturas**. Nas instituições em que passaram a viver, controladas por autoridades católicas, essas crianças passaram sede e fome, sofreram espancamentos e abusos sexuais. No ano passado, uma vala comum foi descoberta com duzentos e quinze corpos – **estima-se que o número de crianças que foram mortas chegue à casa das dez mil**. O pedido de perdão de Francisco, aceito por algumas lideranças indígenas e rejeitado por outras, talvez não cicatrizes feridas históricas, mas pacifica as relações entre o governo canadense e o Vaticano.

LIVROS

Desembarca no Brasil um monumento da literatura: *O Infinito em um Junco*

Ainda estamos em 2021, mas ***podemos vaticinar que o livro O Infinito em um Junco, de autoria da pesquisadora e exímia escritora espanhola Irene Vallejo, figurará entre as melhores obras do século XXI****. A mais direta das explicações: ela escreveu sobre a história e trajetória do próprio livro através do tempo, abrangendo um período que vai do final da Grécia Antiga (século IV a.C) até a Guerra da Bósnia (1992 a 1995). Já traduzido para trinta idiomas, a obra de Irene desembarca agora no Brasil (editora Intrínseca). Uma curiosidade:* ***por meio dela fica-se sabendo que um dos mais famosos e clássicos discursos de todos os tempos, o do político Péricles, na Grécia Antiga, foi escrito por sua mulher, Aspásia de Mileto****.*

ESCRITORA A espanhola Irene Vallejo: traduzida para trinta idiomas

FOTOS: GUGLIELMO MANGIAPANE/REUTERS/FOTOARENA; DIVULGAÇÃO

istoe.com.br

istoedinheiro.com.br

Sob nova gestão, portal da Editora Três busca liderança no digital

Entre Empreendimentos arrematou os direitos digitais de IstoÉ e IstoÉ Dinheiro, além de mais cinco títulos, por R$ 15 milhões. O contrato não abrange as versões impressas e aplicativos das publicações

A aquisição do portal da Editora Três pela Entre Investimentos, anunciada na semana passada, resultará na criação de um dos maiores grupos de comunicação do país. A rede de sites compreende sete títulos consagrados no mercado editorial: IstoÉ, IstoÉ Dinheiro, Gente, Dinheiro Rural, Planeta, Menu e Motor Show. A Entre arrematou o portal por R$ 15 milhões — o contrato não abrange as versões impressas e aplicativos das revistas.

O objetivo é que o novo portal supere em audiência os principais sites de notícias do Brasil. Segundo dados do Comscore, a audiência média de IstoÉ nos últimos seis meses de mensuração — dezembro a maio — chegou a 18 milhões de usuários únicos mensais. O número coloca o site no top 5 da categoria notícias da internet brasileira. No caso de IstoÉ Dinheiro, a audiência média para o mesmo período ultrapassa os 10 milhões de usuários únicos.

"Os títulos da Editora Três já figuram entre os líderes de notícias do Brasil, e agora entram em um processo de crescimento e evolução contínuos, tanto em volume como em qualidade do conteúdo jornalístico produzido", diz o presidente-executivo da editora, Caco Alzugaray.

A Editora Três seguirá com Alzugaray na presidência-executiva e o portal ficará sob comando de Antônio Carlos Freixo Junior. "Tanto a editora como o portal se mostram totalmente interessados em evoluir com novas parcerias, a serem construídas em comum acordo, tanto na área de conteúdo como na comercial", diz Alzugaray. Pelo acordo, a Três será remunerada pela produção dos conteúdos de IstoÉ, IstoÉ Dinheiro, Motor Show e Dinheiro Rural por um período de 20 anos. A linha editorial dos conteúdos produzidos pelos veículos também continuará a ser liderada pela Editora Três. O portal terá uma equipe própria para cuidar da publicação e curadoria do conteúdo.

"O padrão de qualidade e de confiança do material produzido pelos títulos, que estão entre os mais tradicionais e sérios do jornalismo no país, vai ganhar agora ainda mais robustez para levar a melhor e mais responsável informação aos brasileiros sobre a situação do país e do mundo, seja na política, na economia, na cultura e em todas as áreas", afirma Freixo.

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Marcos Strecker

EDITORES: Ana Viriato (Brasília), Felipe Machado e Vicente Vilardaga
REPORTAGEM: Denise Mirás, Elba Kriss, Fernando Lavieri, Gabriela Rölke, Mirela Luiz, Taísa Szabatura e Carlos Eduardo Fraga (estagiário)
COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim e Rosane Borges

ARTE
DIRETORA DE ARTE: Renata Maneschy
EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo
DESIGNERS: Alexandre Souza, Claudia Ranzini e Wagner Rodrigues
INFOGRAFISTA: Nilson Cardoso

ISTOÉ ONLINE: Diretor: Hélio Gomes
Editor executivo: Edson Franco
Editor: André Cardozo
Editores-assistentes: André Ruoco e Heitor Pires
Reportagem: Alan Rodrigues, Carlos Carvalho, Cristiani Dias, Ingrid Rodrigues, Larissa Pereira, Leticia Sena, Mariana Stocco, Natália Ferreira e Vinícius Silva
Web Design: Alinne Souza Correa e Thais Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Frédéric Jean
Pesquisa: Salvador Oliveira Santos
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro
Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Assistente:** Valéria Esbano **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Coordenadora:** Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação · **Tel.:** (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda · **Tel.:** 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP. **Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.** Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – 07750-000 – Cajamar – SP

NO NORDESTE Lula participa de ato político em Maceió (AL), em 17 de junho

A ELEIÇÃO DO

Com o quadro de polarização confirmado, a campanha eleitoral mais importante desde a redemocratização será tensa e pode ocorrer sem debates entre os candidatos. Bolsonaro prepara-se para contestar os resultados e aposta no desafio à Justiça e na mobilização golpista no Sete de Setembro. Lula recicla velhas ideias, tenta esvaziar as candidaturas de centro e sonha em fechar a fatura no primeiro turno

Marcos Strecker e Ana Viriato

As convenções partidárias confirmaram aquilo que já se desenhava desde o ano passado. A polarização entre o petismo e o bolsonarismo impediu a consolidação de qualquer alternativa de centro, mesmo no primeiro turno. Como haverá a ameaça direta do presidente às urnas eletrônicas, o pleito será o mais importante desde o fim da ditadura, pois a própria democracia estará em jogo. A campanha será curta e pode ser ter conflitos reais, diferente de todos os processos eleitorais que ocorreram a partir de 1989.

Uma das diferenças fundamentais é que, pela primeira vez, o presidente em exercício pode fracassar na reeleição, mesmo se beneficiando do enorme peso do cargo. Bolsonaro é o mandatário mais fraco a tentar um segundo mandato, e também é aquele que usou a máquina pública de forma mais descarada a seu favor, mudando a Constituição e rasgando a lei eleitoral

> **"Bolsonaro fala 'meu Exército', mas não é dele. Ele foi expulso do Exército por má conduta. Como a gente pode pensar em golpe?"**
> **Luiz Inácio Lula da Silva**, ex-presidente e candidato do PT

FOTOS: RICARDO STUCKERT; EVARISTO SÁ/AFP; ALAN SANTOS/PR

NO SUL
Bolsonaro na Marcha para Jesus em Balneário Camboriú (SC), em 25 de junho

EXTREMISMO

para distribuir benesses bilionárias a menos de dois meses da votação e se cacifar nas urnas.

A candidatura governista foi lançada na Convenção do PL, no dia 24, quando o presidente perdeu a oportunidade de suavizar a imagem radical visando atingir um eleitorado mais amplo, como queria o próprio comitê. Ao contrário, ele voltou a pregar para os convertidos, mantendo o foco nos evangélicos, nos militares e no agronegócio. O evento aconteceu no Maracanãzinho, no Rio, com a participação do general Braga Netto, o quatro-estrelas escolhido para vice, e sem a presença do general Augusto Heleno (que em 2018 associou o Centrão à ladroagem). Michelle Bolsonaro destacou-se no evento com um apelo às mulheres e aos religiosos e disse que seu marido é "enviado de Deus". Foi uma presença estratégica. Atrair o eleitorado feminino é um dos maiores problemas do mandatário, pois é o grupo em que sofre maior rejeição.

De acordo com o QG bolsonarista, o presidente será apresentado na propaganda eleitoral como o "mais cor-de-rosa" da história. A pretensão soa como pensamento mágico, principalmente depois dos escândalos em série de assédio sexual do ex-presidente da Caixa, Pedro Guimarães, um dos nomes mais próximos do mandatário. A primeira-dama é considerada a grande arma da campanha para atingir esse eleitorado, mas resiste a cumprir esse papel. Um dia depois da Convenção no Rio, ela não compareceu a um evento-chave, quando Bolsonaro participou de um almoço com 135 empresárias e executivas no Palácio Tangará, em São Paulo. Frustrou mais uma vez os estrategistas.

"O mesmo cara quer voltar à cena do crime. Quis o destino que eu chegasse aqui. Estamos numa guerra"
Jair Bolsonaro, presidente e candidato à reeleição pelo PL

Modular o discurso do presidente é o maior problema da sua campanha oficial, que foi encampada pelo PL e é dirigida por Flávio Bolsonaro. A comunicação está a cargo do marqueteiro Duda Lima, que trabalha há mais de uma década com Valdemar Costa Neto. Mas o próprio presidente não tem contato direto com o profissional. A natureza da campanha virou um problema existencial para os bolsonaristas. O presidente, assim como seu filho Carlos (que manda nas redes sociais e não compareceu à Convenção), sonha em reproduzir a anticampanha de 2018, que ocorreu nos subterrâneos da internet e mobilizou adeptos pelo País com um discurso antissistema. Isso é impossível agora, já que Bolsonaro é o próprio dono da máquina pública. Lima tenta emplacar sem sucesso motes como "Sem pandemia, sem corrupção e com Deus no coração, seremos uma grande nação". Por isso, ele já enfrenta o fogo amigo da ala ideológica e mais radical do bolsonarismo, que ganhou agora o apoio do ex-secretário de Comunicação Fábio Wajngarten.

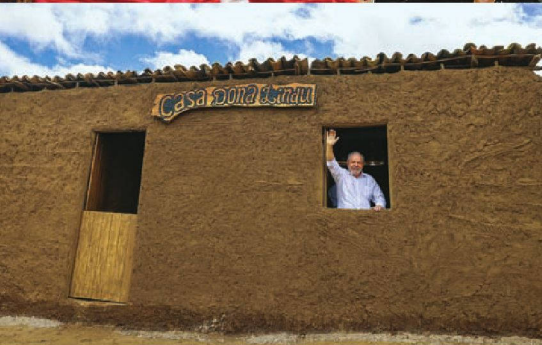
Para atrair os jovens, um dos carros-chefe será a norma que permitiu o abatimento de até 99% das dívidas de estudantes que usaram o Fies. "O governo quase não divulgou a revolução que fez com esse passivo. Foi algo acachapante, que será demonstrado bem na campanha", sonha o líder do governo no Congresso, Eduardo Gomes (PL). Mas Bolsonaro tem um longo caminho a percorrer também nesse segmento. Divulgada na quarta-feira, pesquisa Datafolha aponta que Lula conta com 51% das intenções de votos dos jovens ante 20% do presidente.

MANIPULAÇÃO DA FÉ

Diante das dificuldades eleitorais, o presidente abusa da manipulação da fé e da apropriação de símbolos nacionais, tentando reproduzir o Sete de Setembro do ano passado, turbinando-o com as comemorações do bicentenário da Independência. No Maracanãzinho, ele citou a data conclamando os seguidores a "ir às ruas pela última vez". A menção pode ter duas interpretações. Insinua que o golpe pode se consumar nesta ocasião (daí seria um blefe) ou reconhece inconscientemente que ele não vencerá o pleito (ato falho). Aliados consideraram que foi apenas um tiro no pé, reproduzindo o erro histórico de Fernando Collor em agosto de 1992. Na época, o ex-presidente convocou apoiadores para saírem às ruas de verde e amarelo defendendo seu governo. A população saiu de preto, o que precipitou o processo de impeachment.

Para a corrida eleitoral, o presidente conta com a maioria dos evangélicos, mas tem dificuldades entre os católicos. Espera contar com os deputados nas bases para melhorar a interlocução no segmento e reforçar a posição contra o

Bolsonaro conta com as benesses eleitoreiras para se recuperar nas pesquisas e investe em um novo Sete de Setembro. Se não melhorar, pode perder o apoio do Centrão

COM DEUS E OS MILITARES Bolsonaro investiu no discurso religioso e voltou a criticar as urnas eletrônicas e a Justiça na Covenção do PL, no Rio, no dia 24 (abaixo). De olho no voto feminino, um dia depois se encontrou com empresárias em SP

POPULISMO SOCIAL
Durante a Convenção do PT, dia 21, Lula estava em Pernambuco com o vice Geraldo Alckmin (acima). Ele aproveitou para visitar uma réplica da sua casa de infância em Caetés

O eleitorado feminino prefere Lula. Os ricos tendem a favorecer Bolsonaro. O petista mostra um melhor desempenho entre católicos. Bolsonaro, entre os evangélicos

aborto. O time conta com o deputado e cantor Eros Biondini (PL), que faz parte da Renovação Carismática Católica e é um dos idealizadores do "Cristo é Show", um dos principais eventos de música gospel do País. Pode não ser suficiente. A Igreja não poupa críticas ao governo há meses. Recentemente, a CNBB falou em "insanidade" ao prestar condolências à família do petista Marcelo Arruda, que foi assassinado por um bolsonarista, e criticou o elevado número de armas em circulação.

O petismo, no outro extremo, fez sua largada eleitoral reforçando a velha imagem de Lula como pai dos programas sociais, especialmente do Bolsa Família. O ex-presidente não estava presente na Convenção que oficializou sua candidatura no dia 21, a portas fechadas em um hotel no centro de São Paulo. Preferiu viajar para Pernambuco, onde participou de evento com o candidato a governador Danilo Cabral, do PSB, partido que participa da sua coligação. (Cabral foi vaiado e a ex-petista Marília Arraes, concorrendo pelo Solidariedade, foi aplaudida mesmo estando ausente, o que mostra as fissuras que ocorrerão ao longo da campanha pelo País.) Foi uma viagem simbólica. O ex-presidente começou o giro no estado por Garanhuns e visitou em Caetés uma réplica da casa onde morou com a mãe, construída por militantes do PT e por familiares.

Confiante na vitória, Lula já antecipa até como planeja governar. Disse em uma entrevista ao portal UOL que vai criar uma nova versão do PAC, que planeja uma intervenção nos preços da Petrobras e que vai criar mais ministérios. Quer se reapropriar de bandeiras antigas do PT, como o Bolsa Família e o Minha Casa, Minha Vida. Para reforçar o contraste como o retrocesso dos anos Bolsonaro, o petista quer usar o slogan "40 anos em 4", emulando o governo Juscelino Kubitscheck – um delírio desenvolvimentista difícil de ser cumprido, a se julgar pelo programa econômico populista aventado pelo PT

APELO À EMOÇÃO

O apelo à emoção e à lembrança da bonança econômica nos dois mandatos do petista é estratégica, para contrastar com a volta da fome e da inflação nos anos Bolsonaro e afastar a lembrança dos escândalos do Mensalão e do Petrolão, assim como a desastrosa gestão Dilma Rousseff – sem contar o período em que o ex-presidente passou preso. A comunicação está a cargo do marqueteiro Sidônio Palmeira, que atuou nas campanhas de Jaques Wagner e Rui Costa na Bahia. Também no PT o comando não é uma unanimidade. Palmeira foi contratado após a conturbada demissão de Augusto Fonseca, marque-

FOTOS: EDUARDO ANIZELLI/ FOLHAPRESS; DIVULGAÇAO; PAULO PAIVA/AGIF/AFP; RICARDO STUCKERT

teiro indicado por Franklin Martins, ex-ministro da Comunicação de Lula, que foi escanteado.

CAMPANHA PETISTA Peças publicitárias de Lula exploram o saudosismo, a paternidade de programas sociais e a bonança econômica em sua gestão

LULA E O AGRONEGÓCIO

Papel fundamental caberá a Geraldo Alckmin (PSB). O ex-tucano continuará escalado para diminuir a resistência ao petista nos grupos religiosos e também no agronegócio. Ele vai viajar a estados de forte influência bolsonarista, num roteiro que começará por Santa Catarina e passará por Mato Grosso, Goiás e Tocantins. Em uma das investidas para ampliar a popularidade do petista entre católicos, seus aliados defendem que ele incorpore a religião a seus discursos, frisando ser batizado e crismado. Sinal desse movimento, Lula tomou a decisão de casar em uma cerimônia religiosa.

Outro calcanhar de aquiles é o agronegócio. Avaliações da equipe de Lula apontam ser "impossível" virar os votos desse segmento que ladeia Bolsonaro desde 2018. A intenção, portanto, é conquistar os produtores de pequeno e médio porte. Para isso, o petista conta com o deputado Neri Geller (PP) e o senador licenciado Carlos Fávaro (PSD), recém-integrados à campanha e aliados da família Maggi, uma das poucas gigantes do setor que pendem ao apoio a Lula. Serão frisadas, ainda, as rusgas criadas com a comunidade internacional — o atual governo travou embates com a China, principal comprador do Brasil a nível mundial — e o aumento da taxa de juros do Plano Safra.

A principal torcida de Lula é para vencer no primeiro turno. Sua equipe considera que ele precisa subir três pontos percentuais para isso. Uma dificuldade é o efeito positivo que o governo deve conseguir com a queda momentânea da inflação e as medidas eleitoreiras aprovadas à sorrelfa no Congresso (com o apoio do próprio PT, ressalte-se). Para se contrapor a esse efeito, Lula espera que o partido consiga atrair dissidentes das outras campanhas. Seus aliados seguem tentando minar a candidatura de Simone Tebet e o próprio ex-presidente entrou na negociações com o PSDB, conversando com o senador Tasso Jereissati. O PT articula com líderes do PSDB um movimento similar ao feito pelo MDB: o apoio declarado de diretórios estaduais a Lula. Uma das surpresas pode ser o apoio do PT ao tucano Marconi Perillo, adversário histórico do partido, ao governo de Goiás. Petistas tentam ainda atrair Luciano Bivar com a promessa de que este poderia ocupar a presidência da Câmara em 2023 se desistisse da sua candidatura pelo União Brasil.

CENTRO SEM CHANCE

Com os dois extremos consolidados (e se retroalimentando), o centro não teve chance nesse ciclo eleitoral. Ciro Gomes ficou isolado. Não atraiu outras legendas e, por isso, nem conseguiu definir seu vice. Simone Tebet precisou enfrentar até na Justiça a ala lulista do MDB para oficializar sua candidatura na quarta-feira. Mas ficou sem o vice do PSDB, já que o senador Tasso Jereissati refugou em entrar na campanha após os vários desacordos entre os dois partidos nos estados. PSDB e Cidadania confirmaram o apoio a Tebet num evento melancólico, que marcou sobretudo o desânimo das legendas com a antiga terceira via, implodida após a exclusão de João Doria da corrida.

O PT tem demonstrado uma grande confiança, quase desprezando os riscos de uma reação bolsonarista. Pode ser um erro. Segundo a última pesquisa Ipespe/XP, a distância entre Lula e Bolsonaro é

CONTRA O GOLPE
Secretário da Defesa dos EUA, Lloyd Austin (dir.), encontrou-se com o ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira: ele defendeu a democracia e o controle civil sobre os militares

FOTOS: DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO

de 9 pontos percentuais, a menor desde junho de 2021. O petista tem 44% das intenções de voto, contra 35% do presidente. O levantamento mostra que o mandatário vem crescendo desde janeiro, quando começou com 24% da preferência dos eleitores. Mesmo assim, a situação ainda é muito confortável para Lula. No segundo turno, o petista tem 53% das intenções de voto, contra 36% do presidente – uma vantagem de 17 pontos percentuais. Mas o mesmo levantamento traz uma péssima notícia para o chefe do Executivo, apontando como será difícil reverter o descontentamento com seu governo. Nada menos que 59% o desaprovam, e 49% o avaliam como "ruim/péssimo".

O grande temor em relação ao pleito são as ameaças recorrentes do presidente ao processo eleitoral, repetidas no dia 24. Por isso, o presidente do TSE, Edson Fachin, voltou a se manifestar contra as tentativas de desacreditar as urnas eletrônicas. "O TSE não está só, a sociedade não tolera o negacionismo eleitoral. O ataque às urnas eletrônicas não induzirá o País a erro", afirmou. Apesar do apoio do ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira, que passou a questionar as urnas eletrônicas, a ação bolsonarista não ocorrerá sem reações. Em viagem ao Brasil, o secretário da Defesa dos EUA, Lloyd Austin, reforçou que Joe Biden vai reagir a qualquer tentativa de subverter o resultado das urnas. Disse que nos países da América deve haver "firme controle civil sobre os militares e forças de segurança". Foi um recado direto a Bolsonaro.

CAMPANHA CURTA

A campanha acidentada já tem dois momentos-chaves, o Sete de Setembro bolsonarista e a manifestação no 11 de Agosto em defesa da democracia, que promete ser histórico (leia mais à pág. 26). Essas iniciativas indicam que a própria luta pela normalidade democrática pode ofuscar a discussão sobre os problemas do País. Os debates presidenciais, um espaço vital para se conhecer as propostas, podem não ocorrer, já que tanto Lula como Bolsonaro têm evitado marcar o embate público. Isso privaria o País de uma etapa essencial em uma corrida eleitoral que será excepcionalmente curta. A propaganda eleitoral se inicia no dia 16, e o horário eleitoral gratuito, no dia 26. Trinta e sete dias depois, em 2 de outubro, as urnas serão abertas. O País vai decidir o seu futuro em situações conturbadas, e isso não deveria impedir um debate aprofundado. O eleitor merece esse respeito. ■

"SALVAÇÃO" Propaganda de Bolsonaro usa símbolos nacionais, traz mensagem religiosa e diz que ele representa a luta "do bem contra o mal"

O DUELO DE JINGLES

Petista repagina o "Lula Lá" com nomes da MPB na campanha, enquanto Bolsonaro apela ao patriotismo com sertanejos

As produções musicais que embalam a pré-campanha dos candidatos ao Palácio do Planalto dão o tom do que eles falarão no corpo a corpo com o eleitorado a partir de 16 de agosto. Lula quer apostar na memória — no que diz respeito aos feitos do governo e, não, em relação aos escândalos de corrupção protagonizados pelo PT. Até então, nos comícios do petista, os telões reproduziam a faixa "Sem medo de ser feliz", uma versão repaginada do jingle "Lula Lá", cantada por artistas da cena nacional. Mas o partido já vem trabalhando em novas trilhas sonoras. Agora, um piseiro propaga a "saudade do ex". "Tinha casa, comida, motinha, charanga, mas depois de você desandou", diz a letra.

A música de Bolsonaro, em outra ponta, remete ao patriotismo, com o início do hino nacional tocado ao solo de guitarra na parte introdutória, e exalta o presidente com gritos abafados de "mito" ao fundo. O sertanejo o trata como o "capitão do povo" e frisa a ligação do chefe do Planalto com a religião, além de colocá-lo como protagonista de uma luta do bem contra o mal. "Igual a ele nunca existiu. É a salvação do nosso Brasil". Já o "Pagode do Cirão" busca lembrar a população sobre a chance de eleger um governo diferente por meio da terceira via. "Tá cansado dos mesmos de sempre, de seguir o mesmo giro? Tá na hora de olhar para o Ciro". Um feminejo de Simone Tebet, por sua vez, faz uma aposta na "esperança" e busca explorar a "força da mulher".

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
HORACIO LAFER PIVA

A **elite** acorda

A sociedade brasileira, representada por juristas, empresários, banqueiros, intelectuais, artistas e demais setores pensantes do País, mobiliza-se na defesa do Estado democrático de Direito. Trata-se de uma resposta uníssona e apartidária à fala e aos atos golpistas do presidente Jair Bolsonaro, que insiste em tumultuar as eleições de outubro

Mirela Luiz

UMA SÓ VOZ
Alguns dos signatários da *Carta* que será lida na Faculdade de Direito da USP em 11 de agosto

1. Nélida Piñon
Escritora e integrante da Academia Brasileira de Letras
2. Armínio Fraga
Economista e ex-presidente do Banco Central
3. Pedro Moreira Salles
Banqueiro e atual presidente do Conselho de Administração do Itaú Unibanco
4. Miguel Realle Jr.
Jurista e um dos 14 signatários ainda vivos do manifesto de 1977
5. Josué Gomes da Silva
Empresário e atual presidente da FIESP
6. Roberto Setubal
Banqueiro e ex-presidente do Banco Itaú
7. Horácio Lafer Piva
Economista e empresário
8. Chico Buarque,
Compositor, cantor e escritor
9. Fábio Barbosa
CEO da Natura
10. Oscar Vilhena
Jurista e doutor em ciência política
11. Guilherme Leal
Copresidente do Conselho de Administração da Natura
12. Celso de Mello
Ex-ministro e ex-decano do STF Celso de Mello

Ninguém pode dizer que as elites brasileiras, cada uma delas atuando em sua área, foram precipitadas e impacientes. Diante de um presidente da República que ameaça golpear as instituições democráticas e os direitos fundamentais dos cidadãos desde o primeiro dia de sua gestão, e lá se vão três anos e meio, elas, as elites, foram até fleumáticas demais. Ocorre, no entanto, que também a tolerância se cansa dos intolerantes. Pois é, presidente Jair Bolsonaro, o senhor e suas investidas golpistas exauriram a Nação. Aquilo que no início podia até ser julgado como minudências, explicita-se agora como um golpe em andamento. Veio o freio. Veio basta. Na semana passada, a elite nacional, organizada pela tradicionalíssima e apartidária Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, em São Paulo, lançou a legítima, legal e constitucional *Carta às brasileiras e aos brasileiros em defesa da democracia e do Estado de Direito*. Nasceu com três mil signatários, em vinte e quatro horas passou para cem mil, some-se mais um dia e, na quinta-feira 28, já se contabilizavam mais de duzentas e vinte mil chancelas, reunindo advogados, juízes, desembargadores, ex-ministros do Supremo Tribunal Federal, acadêmicos, intelectuais, empresários, banqueiros, artistas e escritores.

Bolsonaro pode até continuar difamando o sistema eleitoral e os ministros do STF, mas o fato é que sua vexatória reunião com os embaixadores, na qual valeu-se somente de falácias para detonar as urnas eletrônicas, serviu como a gota d'água no poço sem fundo do autoritarismo. "Nunca vi tanta mobilização dos empresários", aquilatou o CEO da Suzano, Walter Schalka. "Caiu a ficha do setor sobre a política". Para Guilherme Leal, copresidente do Conselho de Administração da Natura, "os ataques às urnas são inaceitáveis, até porque afrontam o Poder Judiciário".

O texto da carta dos juristas, que será lido a 11 de agosto em ato no denominado "território livre" da Faculdade do Largo de São Francisco, fundada em 1828, diz que o **País passa por "um momento de imenso perigo para a normalidade democrática, risco às instituições da República e insinuações de desacato ao resultado das eleições"**. E conclui com uma convocação: "Clamamos às brasileiras e aos brasileiros a ficarem alertas na defesa da democracia e do respeito ao resultado das eleições. No Brasil atual não há espaço para retrocessos autoritários. **Ditadura e tortura pertencem ao passado. A solução dos imensos desafios da sociedade brasileira passa necessariamente pelo respeito ao resultado das eleições"**. Bolsonaro, em sua profunda ignorância, com certeza não sabe que, sempre que o andar de cima se move, o síndico do condomínio é trocado em legítimo sufrágio. Até por isso ele disse que "não

FOTOS: OSCAR GONZALEZ/NURPHOTO; WILTON JUNIOR/ESTADÃO CONTEÚDO; EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS; NILTON FUKUDA/ESTADÃO; ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA; FELIPE GABRIEL; AVENER PRADO/FOLHAPRESS; GIUSEPPE BIZZARRI/FOLHAPRESS; BRUNO MIRANDA/NA LATA; JARDIEL CARVALHO/FOLHAPRESS; ADRIANO VIZONI/FOLHAPRESS; DIVULGAÇÃO STF

preciso de "cartinha para defender a democracia". De fato, não precisa: ele jamais defendeu, defende ou defenderá essa forma de governo. O ex-ministro e ex-decano do STF Celso de Mello, reserva moral do Brasil, fora convidado para ler a carta, mas declinou por motivos de saúde. Não deixou, no entanto, de se posicionar publicamente: "a resposta do povo brasileiro às graves e ameaçadoras manifestações do atual presidente da República, além de necessária é imprescindível".

De acordo com o advogado Oscar Vilhena, o documento empresarial foi articulado inicialmente pelo presidente da FIESP, Josué Gomes da Silva, e por um grupo denominado Comitê de Defesa da Democracia, integrado pelo próprio Vilhena e por nomes como a socióloga Neca Setubal, o economista e ex-presidente do Banco Central Armínio Fraga, Celso de Mello, o ex-ministro da Justiça José Eduardo Cardozo e o jurista Miguel Reale Jr. "O que estamos vendo é uma ação clara que setores da sociedade brasileira não aceitarão qualquer desvio da regra democrática", avalia Vilhena. "Esse ato é um alerta às autoridades de que estamos atentos. É precaução contra fake news e contra golpes de mão", diz Realle Júnior.

Não contente com o desconforto causado na reunião com os embaixadores, Bolsonaro, durante discurso aos partidários na convenção nacional do PL, mais uma vez atacou o STF ao convocar seus fanáticos apoiadores a saírem às ruas no Sete de Setembro. Como já dissemos acima, o capitão é gota d'água sobre gota d'água no poço do golpismo, e a carta cívica é reação contra isso. O presidente da Câmara, Arthur Lira, rompeu o seu silêncio e agora já não paga para ver – mesmo porque a tática do Centrão é mais a de receber que a de pagar. Lira, ah Lira, saiu em defesa ferrenha das urnas eletrônicas. Ele sabe que a "cartinha", a que se refere Bolsonaro, de "cartinha" não tem nada. Trata-se, isso sim, da "primeira resposta coesa aos ataques de Bolsonaro à democracia", como muito bem classificou o conceituado jornal britânico *Financial Times*.

"Questionamento das urnas é inaceitável. Em um momento tão crítico como o atual, devemos, como cidadãos, nos manifestar"
Guilherme Leal, Natura

TERRITÓRIO LIVRE
Goffredo da Silva Telles lê a Primeira Carta em 1977: agonia da ditadura

INSPIRAÇÃO VEM DA HISTÓRIA

Não é de hoje que juristas assumem a frente da sociedade civil na luta pela democracia e pelo Estado de Direito. Nos obscuros tempos de chumbo de 1977, nos quais os torturadores que Bolsonaro tanto admira eram blindados pelo regime militar de exceção, o catedrático em Ciência do Direito e Teoria Geral do Direito Goffredo da Silva Telles redigiu a Carta aos Brasileiros - texto tão histórico quanto Oração aos Moços, de Ruy Barbosa. Nele, Telles exigia a democracia e formação de uma Assembléia Constituinte.

Quando o texto foi escrito, o presidente era então o general Ernesto Geisel, que desde o início de seu mandato, em 1974, enfrentou uma série de dificuldades econômicas e políticas, além da ação dos porões repressivos – ressalte-se os assassinatos do jornalista Vladimir Herzog e do metalúrgico Manuel Fiel Filho, ocorridos em 1975 e 1976. A Carta lida no Largo de São Francisco acelerou a débâcle do militarismo. Faz exatos quarenta e cinco anos. E, mais uma vez, é na Faculdade de Direito, marco cultural brasileiro, que se selará a débâcle de um capitão.

FOTO: KENJI HONDA/ESTADÃO CONTEÚDO/AE

PEÇA-CHAVE Ana Cristina Valle se uniu a Jair no final dos anos 1990. Ele era proprietário de um único apartamento, na Zona Norte do Rio. Com ela, viu seu patrimônio aumentar exponencialmente: o casal adquiriu 14 imóveis – cinco deles pagos em dinheiro. Apenas com o salário dele, de deputado, e dela, de assessora parlamentar no gabinete do enteado Carluxo. Ana Cristina é investigada por envolvimento no esquema de rachadinha

DINHEIRO VIVO

Ex-cunhado de Jair Bolsonaro revela ter visto "caixas de dinheiro vivo" na casa do então deputado federal durante o período em que o agora presidente foi casado com Ana Cristina Siqueira Valle

Gabriela Rölke

Se os esquemas das "rachadinhas" do clã Bolsonaro até agora aparentemente passavam ao largo da figura de Jair Bolsonaro (PL), um novo elemento mostra que o presidente era peça central da fraude — e se beneficiava pessoalmente do dinheiro desviado, ao lado da segunda esposa, Ana Cristina Siqueira Valle, com quem foi casado até 2007. Então cunhado de Jair, o irmão mais novo de Ana Cristina, André Siqueira Valle, relatou a amigos que o casal guardava "caixas de dinheiro vivo" em sua mansão na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. A revelação feita por André está no livro "O negócio do Jair: A história proibida do clã Bolsonaro", da jornalista Juliana Dal Piva. "Pô, você não tem ideia como que é. Um monte de caixas de dinheiro lá. Você fica doidinho".

A obra chega em setembro às livrarias, mas o trecho que trata da relação de André com o ex-cunhado foi publicado com exclusividade no UOL pelo jornalista Chico Alves no último final de semana. O próprio André Valle era peça importante do esquema das rachadinhas, que por anos arrancou de assessores parlamentares da família, vários deles fantasmas, a maior parte de seus salários. André foi demitido do gabinete de Bolsonaro na Câmara dos Deputados por não devolver ao chefe o valor acordado: deveria ficar só com 10% do salário. Por vias transversas, a história já havia vindo à tona no ano passado, também pelas mãos de Dal Piva, no podcast "UOL Investiga - A vida secreta de Jair", quando a jornalista trouxe gravações telefônicas em que outra irmã de André, a fisiculturista Andréa Siqueira Valle, contava a história da demissão do

irmão caçula. "O André deu muito problema porque ele nunca devolveu o dinheiro certo que tinha que ser devolvido, entendeu? Tinha que devolver R$ 6 mil, ele devolvia R$ 2 mil, R$ 3 mil", relatou Andréa. "Foi um tempão assim até que o Jair pegou e falou: 'Chega. Pode tirar ele porque ele nunca me devolve o dinheiro certo'". Andrea admitia ainda nas gravações que ela própria devolveu 90% do salário durante os dez anos em que ficou nomeada no gabinete do então deputado estadual Flávio Bolsonaro, o filho 01 do presidente, entre 2008 e 2018.

Já André ficou lotado no gabinete de Jair Bolsonaro na Câmara por pouco menos de um ano, entre novembro de 2006 e outubro de 2007. Antes disso, já tinha trabalhado como assessor do vereador Carlos Bolsonaro, o filho 02, de agosto de 2001 a fevereiro de 2005 e durante a maior parte do ano de 2006. Atualmente, trabalha com eventos em Volta Redonda, no Sul fluminense. André e a irmã Andrea estão entre os 18 parentes da família Siqueira Valle que foram nomeados em um dos três gabinetes parlamentares dos Bolsonaro – Jair, Flávio e Carlos – durante os 20 anos de funcionamento da fraude, a partir de 1998. Ao longo de 2018, os servidores em situação irregular foram sendo exonerados à medida que a candidatura de Jair Bolsonaro ao Palácio do Planalto ganhava viabilidade – e visibilidade.

As suspeitas de rachadinha nos gabinetes dos Bolsonaro e o salto patrimonial da família estão diretamente relacionados com a chegada de Ana Cristina Valle ao clã. Ela entrou sem nada no casamento com Jair, depois de engravidar do então deputado – eles são pais de Jair Renan, o filho 04. Na época, o patrimônio de Jair Bolsonaro se resumia a um apartamento na Zona Norte do Rio. Mas depois disso cresceu exponencialmente: ao longo de dez anos, o casal adquiriu outros 14 imóveis - cinco deles quitados com dinheiro vivo. Assim que entrou para a família, Ana Cristina também passou a se envolver com as atividades parlamentares dos enteados. Entre 2001 e 2008, foi chefe de gabinete de Carluxo na Câmara dos Vereadores do Rio, e está sendo investigada por envolvimento do esquema das rachadinhas do filho 02.

Até emergir a história das caixas de dinheiro vivo na casa de Jair, o personagem de mais destaque das rachadinhas era o senador Flávio Bolsonaro. De acordo com o Ministério Publico do Rio de Janeiro, o esquema criminoso liderado por ele na Assembleia Legislativa do Rio desviou R$ 6 milhões dos cofres públicos, o que só foi possível graças a Fabrício Queiroz, homem de confiança da família que operacionalizava a arrecadação de parte dos salários dos assessores do então deputado estadual. O mais perto que o dinheiro das rachadinhas tinha chegado de Jair Bolsonaro, até então, curiosamente, passou por Queiroz: eram dele os três cheques num total de R$ 89 mil depositados na conta da atual primeira-dama, Michelle Bolsonaro, entre 2011 e 2016. O caso dos cheques segue sem explicação plausível, assim como a história das caixas de dinheiro na casa de Jair e Ana Cristina. ■

CAIXAS DE DINHEIRO E COFRE NO QUARTO

Trecho do livro "O negócio do Jair: A história proibida do clã Bolsonaro", da jornalista Juliana Dal Piva: André Siqueira Valle relatava a amigos "caixas de dinheiro vivo" na casa do então cunhado

André seguia a rotina combinada, mas não gostava de entregar tanto dinheiro ao cunhado. Passou a desabafar com amigos, em sigilo, que aquilo era errado. E observou com atenção algumas caixas de dinheiro vivo que o casal guardava em casa.

Certa ocasião, contou: "Pô, você não tem ideia como que é. Chega dinheiro? Você só vê o Jair destruindo pacotão de dinheiro. 'Toma, toma, toma'. Um monte de caixa de dinheiro lá [na casa]. Você fica doidinho".

Quem frequentava aquela casa não conseguia ignorar tanta grana. (...) O casal mantinha um cofre no quarto, bem abastecido quando das campanhas eleitorais."

CÚMPLICES
O promotor de eventos André, o caçula dos Siqueira Valle, se desentendeu com o então cunhado Jair por se negar a devolver parte do salário. A fisiculturista Andréa também participou do esquema

FOTOS: REPRODUÇÃO

O PROPINODUTO DA CODEVASF

CGU divulga relatório com denúncia de sobrepreço na compra de canos de PVC e mostra como a estatal foi aparelhada pelo Centrão, virando um símbolo do clientelismo político no Nordeste

Vicente Vilardaga

A Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf), estatal vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Regional, já virou um símbolo das artimanhas políticas associadas ao orçamento secreto orquestrado pelo presidente Jair Bolsonaro e pelo presidente da Câmara, Arthur Lira. Com a função original de entregar obras de irrigação na região do Semiárido, a empresa se descaracterizou completamente e passou a fazer de tudo, desde instalações para saneamento básico, obras de pavimentação, construção de pontes até entrega de máquinas e equipamentos, com o objetivo de agradar lideranças regionais e angariar votos. Com ação capitalizada junto às prefeituras e com projetos de grande apelo eleitoral, virou, de 2020 para cá, um núcleo de distribuição de verbas do Centrão. A fatia do orçamento da estatal para ser distribuída entre emendas de deputados e senadores dobrou em 2022, saltando de R$ 610 milhões para R$ 1,2 bilhão, de um total de R$ 2,7 bilhões de verbas para este ano. Desvios já foram detectados em aquisições e projetos da empresa nos estados do Maranhão e da Bahia. Na Bahia, a Controladoria Geral da União (CGU) divulgou um relatório que aponta para a compra superfaturada de milhares de tubos de PVC.

Começam a aparecer também os nomes de alguns operadores do esquema. Numa operação da Polícia Federal, batizada de Odoacro e realizada no final de julho no Maranhão, foi preso o empresário Eduardo José Barros Costa, chamado Eduardo Imperador. A PF o aponta como líder do esquema

DESVIOS Tubos de PVC comprados pela Codevasf com sobrepreço e abandonados na Bahia: empresa descaracterizada

PRISÃO Eduardo Imperador é apontado como líder do esquema criminoso

INVESTIGAÇÃO O deputado licenciado Josimar Maranhãozinho é acusado de operar o desvio de emendas parlamentares para o Codevasf

criminoso para desvio de dinheiro da Codevasf por meio de fraudes em licitações que beneficiaram a empreiteira Construservice, empresa que usa laranjas para vencer concorrências de pavimentação com verbas da estatal e que teria Imperador como "sócio oculto". Ele foi solto pela Justiça Federal depois do pagamento de uma fiança de R$ 121,2 mil, correspondente a 100 salários mínimos, e está sendo obrigado a usar tornozeleira eletrônica. Continua sendo investigado.

Outro personagem revelado nas investigações policiais é o deputado licenciado Josimar Maranhãozinho (PL-MA). Relatórios de Inteligência Financeira analisados pela PF mostraram que a construtora Madry, da qual Maranhãozinho é proprietário, transferiu R$ 100 mil para a E.R. Distribuição de Asfalto, que tem mais uma vez Imperador entre seus donos. Segundo reportagem da *Folha de S.Paulo*, a investigação encontrou outros repasses de R$ 215 mil da Águia Farma, outro negócio de Maranhãozinho, para a Construservice. A PF investiga se o deputado está por trás do desvio de emendas parlamentares para a Codevasf.

As provas de uso indevido da estatal para atender demandas de deputados e senadores se acumulam e revelam vários esquemas simultâneos com repetidas denúncias de superfaturamento e de obras encomendadas a partir de emendas para o orçamento secreto. No caso da compra dos tubos de PVC, a CGU apontou irregularidades e recomendou a suspensão do negócio, mas, mesmo assim, a Codevasf desembolsou R$ 2 milhões na aquisição. A empresa está atrelada à cúpula do Congresso e envolvida em negociatas políticas sem seguir qualquer critério de transparência. Desde o final do ano passado as denúncias contra a empresa vêm se acumulando, mas a primeira ação concreta para investigação dos crimes foi a operação da PF. Em abril, o PSOL pediu ao MPF a apuração de irregularidades em licitações realizadas pela Codevasf que favoreceram a empreiteira Engefort. Na representação, o partido pediu à Procuradoria-Geral da República (PGR) providências administrativas, civis ou penais contra Bolsonaro, Rogério Marinho, ex-ministro do Desenvolvimento Regional, Marcelo Moreira, presidente da Codevasf, e contra os sócios da Engefort. Ao longo do governo Bolsonro, a empresa pública teve atuação ampliada e recursos turbinados por emendas do relator. Virou a estatal do orçamento secreto, que atende interesses de deputados e senadores e faz de tudo, menos obras de irrigação na região do Semiárido. ■

A fatia do orçamento da estatal para ser distribuída entre emendas parlamentares saltou de R$ 610 milhões para R$ 1,2 bilhão

FOTOS: KARIME XAVIER/FOLHAPRESS; REPRODUÇÃO; GILMAR FELIX

A alforria dos condenados

Expurgados da política no auge da **onda anti-sistema**, protagonistas do **Mensalão**, alvos da **Lava Jato** e até mesmo um **governador cassado** apostam na benevolência do Judiciário e nas brechas da lei para **voltar ao Poder**

Ana Viriato

O Mensalão estampou a facilidade com a qual congressistas colocaram-se à venda. A Lava Jato descortinou o maior escândalo de corrupção do país e demonstrou a transformação dos órgãos públicos em um balcão de negócios escusos. Operações policiais nos estados expuseram governadores que drenaram os cofres para encher os próprios bolsos enquanto a população padecia com serviços sucateados e inoperantes. Não à toa, após décadas de um país tragado pela imoralidade, a prisão ou a condenação à inelegibilidade de boa parte dos políticos poderosos envolvidos nos esquemas aparentavam, finalmente, ter colocado um ponto final na impunidade. Ilusão. Com uma mãozinha do Judiciário e outra do Congresso, nomes influentes — e enrolados — se reabilitaram e pavimentam o caminho para voltar à cena nas eleições ou articulam nos bastidores para emplacar aliados.

A corrida presidencial é a prova de que os políticos brasileiros não ficam por muito no deserto. Lula poderá testar as urnas graças à decisão em que o STF reconheceu a incompetência da 13ª Vara Federal de Curitiba para julgá-lo, anulou as condenações dele na Lava Jato e remeteu os processos à Justiça Federal do DF para uma nova análise — àquela altura os crimes estavam prescritos. Valdemar Costa Neto, condenado no Mensalão e manda-chuva do PL, está entre os nomes que dão as cartas na campanha de Bolsonaro e, com a filiação do capitão, transformou seu partido no maior do Brasil, o que lhe garante gordos repasses de dinheiro público. Embora os dois sejam os exemplos mais cristalinos de políticos que "deram a volta por cima", a lista vai muito além.

Eduardo Cunha (PTB-SP) retomou os direitos políticos no TRF da 1ª Região. O ex-deputado, em princípio, estava inelegível até 2027 por mentir sobre a existência de contas em seu nome no exterior, mas o desembargador Carlos Augusto Pires Brandão anulou, em decisão liminar,

PODEROSO CHEFÃO

Valdemar Costa Neto, manda-chuva da campanha de Bolsonaro, saiu da cadeia recentemente por ter comandado o Mensalão do PT

ALGOZ DE DILMA

Ex-presidente da Câmara, Eduardo Cunha apresentou o impeachment de Dilma: agora, depois de meses na prisão, deseja se eleger deputado

MENSALÃO DO DEM

O ex-governador do DF, José Roberto Arruda, foi preso por articular o Mensalão do DEM, mas deseja voltar à política como deputado

a resolução da Câmara de 2016 que impôs a cassação do mandato dele e, assim, o livrou da Lei da Ficha Limpa. Cunha, agora, quer surfar na onda de extrema-direita para se eleger. A convenção que o confirmará como candidato está prevista para sábado (30) e contará com a presença de Bolsonaro. Pivô do impeachment de Dilma Rousseff, o ex-parlamentar montou um roteiro de viagens pelo estado paulista para promover o livro *Tchau, Querida*, na tentativa de faturar com o antipetismo.

Outros manda-chuvas da política beneficiaram-se não apenas da benevolência do Judiciário, mas também da mão amiga do Congresso. É o caso de José Roberto Arruda, ex-governador do DF. Correligionário de Bolsonaro, ele voltou ao jogo eleitoral depois de o presidente do STJ, Humberto Martins, suspender os efeitos das duas condenações dele por improbidade administrativa relacionadas à Operação Caixa de Pandora, que investigou o Mensalão do DEM no DF. O ministro baseou-se na nova Lei de Improbidade Administrativa, chancelada pelo parlamento no ano passado, que abrandou os critérios para a penalização de agentes públicos. O Planalto sabia da decisão antes do despacho e, em um acordo para pacificar a base na capital, o presidente acertou a candidatura de Arruda a deputado federal, ainda que ele pretendesse concorrer ao Palácio do Buriti. Com o caminho livre, o ex-governador voltou às redes. "Desmorri", escreveu, em tom de brincadeira.

O NEGOCIADOR DE LULA

Há, ainda, quem não busque o perdão do eleitor nas urnas, mas não abra mão do poder da articulação nos bastidores. Condenado no Mensalão e um dos próceres do PT, José Dirceu diz que a compra de votos pelo governo na era Lula "não existiu". O ex-ministro abriu mão de participar da coordenação de campanha do ex-presidente para evitar um mal-estar, mas não deixou de ter voz e negocia em reservado. Condenado a mais de 98 anos de prisão, o ex-governador Luiz Fernando Pezão tem papel parecido: está longe dos holofotes, mas articula apoios a André Ceciliano, candidato petista ao Senado pelo Rio.

E há, também, os que sonhem com um milagre no Judiciário para retornar à política. Primeiro governador a ser cassado em um processo de impeachment na história da República e inelegível por cinco anos, Wilson Witzel submeterá seu nome ao PMB para disputar mais uma vez o Palácio Guanabara. "O impeachment contra mim foi um golpe. Não respondo a ações penais ou de improbidade. Minha cassação foi resultado de uma investida de deputados de oposição que, depois, tomaram conta do governo", disse à ISTOÉ o ex-juiz, que acumula derrotas no STF. Diante da reabilitação em massa de corruptos, percebemos que a repulsa da sociedade pela política está longe do razoável. ■

FOTOS: SÉRGIO LIMA/FOLHAPRESS; GIULIANO GOMES/FOLHAPRESS; JOSÉ CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

ELES QUEREM SAIR DA caserna

A presença expressiva de militares em cargos eletivos que se vê no Brasil não é comum em países da América do Norte ou da Europa. Risco é de politização das Forças Armadas

Gabriela Rölke

Em 2018, uma onda conservadora levou o capitão da reserva do Exército Jair Bolsonaro à presidência da República – e, no rastro da força daquele movimento, dezenas de agentes de segurança pública conseguiram chegar aos Legislativos estaduais e à Câmara dos Deputados. Passados quatro anos, segue em alta o interesse de integrantes das Polícias Militares e das Forças Armadas pela carreira política. Somente nos dois maiores colégios eleitorais do País, 171 policiais militares se desincompatibilizaram dos seus cargos para disputar as eleições – 80 em São Paulo e 91 no Rio de Janeiro. Quanto às Forças Armadas, pelo menos 86 de seus integrantes vão encarar a batalha pelo voto do eleitor.

O deputado estadual Coronel Telhada (PP) trabalha com um número ainda maior: ele estima que 150 policiais da reserva e da ativa da PM de São Paulo vão disputar as eleições – e demonstra uma certa preocupação com essa alta procura. “Pode haver uma pulverização dos votos, e pessoas que teriam condições de se eleger não vão conseguir porque é muita gente disputando o um mesmo eleitorado”, explica. “É um direi-

FORÇAS ARMADAS
General Peternelli (União Brasil) contabilizou as candidaturas dos colegas de farda oliva. Chegou a um total de 86

À DIREITA Para o Capitão Derrite, conservadorismo qualifica militares para a política. "Movimentos de esquerda não são condizentes com nossa conduta"

to, as pessoas podem se candidatar, mas muitas vêm iludidas, acham que é fácil, que a política oferece melhores condições de trabalho, mas é um serviço como qualquer outro". Terminando seu segundo mandato no Legislativo paulista, o coronel agora almeja uma vaga na Câmara dos Deputados. "Acho que a legislação penal precisa de uma reavaliação", diz. "Também pretendo atuar no apoio e proteção aos direitos dos CACs (Colecionadores, atiradores esportivos e caçadores)".

Enquanto articula sua candidatura a deputado federal, Coronel Telhada trabalha para abrir caminho na política para o filho, Capitão Telhada (PL), que vai disputar uma vaga no Legislativo paulista. Em comum, além do sobrenome, da carreira militar e do gosto pela política, os dois criticam o projeto de lei já aprovado na Câmara e agora sob análise no Senado que institui uma quarentena de cinco anos para militares, policiais, promotores e juízes que queiram disputar cargos eletivos. "Acho uma afronta aos direitos humanos do policial militar", diz Telhada pai. "É um absurdo, até condenado que sai da cadeia pode se candidatar, e policial não vai poder?", indigna-se Telhada filho. "Nos coloca como cidadãos de segunda categoria, numa clara manobra para afastar do pleito eleitoral pessoas que traçam uma jornada ética e moral dentro de suas carreiras", diz. Também contrário à quarentena para militares, o deputado federal Capitão Derrite (PL) acredita que a medida limita o direito de representatividade da categoria, cujos quadros têm muito a oferecer para a sociedade em razão de sua formação. "Nós somos pautados em valores militares, aprendemos com o passado para a construção do futuro e temos o conservadorismo como base da nossa formação. Movimentos de esquerda não são condizentes com nossa conduta".

EM FAMÍLIA
De olho na Câmara, o Coronel Telhada abre caminho para o filho, que tenta uma vaga de deputado estadual

No caso das Forças Armadas e das polícias, o objetivo da quarentena é evitar a politização das forças de segurança, que devem ser de Estado, e não de governo. A expressiva presença de agentes de corporações militares na política, tal como observada no Brasil, não é comum em outros países. "Os direitos políticos dos militares brasileiros são bastante flexíveis se comparados ao que ocorre na América do Norte e na Europa em geral", diz a cientista política Fábia Berlatto, diretora e pesquisadora da Múnus Social Data. Fábia, que é pós-doutoranda em Administração Pública e Governo pela FGV, conduziu um amplo estudo, publicado em 2016, sobre o perfil dos candidatos das forças repressivas para a Câmara dos Deputados. "Uma quarentena longa é essencial para estabelecer uma divisão clara entre polícia e política", avalia. Ela pondera ainda que o forte vínculo orgânico estabelecido entre os agentes de segurança funciona muito bem em estratégias eleitoreiras – mas sem necessariamente resultar em melhorias efetivas, tanto na área da segurança pública quanto nas condições de trabalho da categoria.

Enquanto o Congresso não bate o martelo sobre a quarentena para militares, integrantes dessas forças seguem nas articulações para ampliar sua presença na vida política do País. Entusiasta da candidatura de militares das Forças Armadas, o deputado federal General Peternelli (União Brasil), da Bancada do Tanque na Câmara, contabilizou as candidaturas dos colegas de farda oliva em todo o País. São 86 – incluídos Jair Bolsonaro e seu vice, Walter Braga Neto (PL), respectivamente capitão e general da reserva. Outros três vão disputar governos estaduais, entre os quais Tarcísio de Freitas, em São Paulo. Dois serão candidatos ao Senado – um deles é o vice-presidente Hamilton Mourão (Republicanos), pelo Rio Grande do Sul. Outros 36 serão candidatos a deputado federal, 16 a deputado estadual e quatro a deputado distrital. ■

FOTOS: REPRODUÇÃO; FERNANDA TELHADA/DIVULGAÇÃO

e conteúdo

Capas ilustrativas

www.dinheirorural.com.br

A mais completa revista sobre o agronegócio, informando e contribuindo para fortalecer os empresários e investidores do campo.

www.motorshow.com.br

A melhor informação para os apaixonados por velocidade, com notícias sobre os esportes a motor, conselhos para o consumidor e avaliações detalhadas sobre os carros à venda no Brasil.

Todas as informações sobre o mundo das artes visuais e cultura contemporânea no Brasil e no mundo, com projeto gráfico ousado.

www.select.art.br

Já nas melhores bancas de sua cidade.

SAC - Serviço de Atendimento ao Cliente
São Paulo **(11) 3618-4566** • Outras capitais **4002-7334** • Interior **0800 888-2111**, de segunda a sexta das 10h às 16h20 e sábados das 9h às 15h.

Para anunciar

Conecte sua marca ao público mais qualificado do segmento. Entre em contato com nossa equipe e anuncie. **(11) 3618-4269**

Um dos maiores hospitais brasileiros, o Sírio Libanês, vai dar um salto de desenvolvimento em suas atividades de ensino e pesquisa a partir deste ano, passando a oferecer cursos de graduação em ciências da saúde aproveitando todas as sinergias que sua mão-de-obra altamente capacitada oferece. O hospital já é uma potência educacional, com um amplo programa de residência médica e cursos de pós-graduação, mestrado, doutorado e educação continuada. Só no ano passado, passaram 40.753 alunos pelo seu Instituto de Ensino e Pesquisa. E agora se chegou ao entendimento da necessidade de se dar novo passo estratégico. No que depender do Sírio, a faculdade de medicina começará a funcionar logo em seguida à de ciências de saúde, com seleção de alunos a partir 2023. A iniciativa da instituição corre paralela à do hospital Albert Einstein, que oferece um programa de graduação há alguns anos e formou a primeira turma de medicina em dezembro. O Einstein inaugura neste mês o novo prédio de sua faculdade no Morumbi, em São Paulo.

O diretor médico do Sírio, Fernando Ganem, diz que a decisão da instituição foi pedir inicialmente ao Ministério da Edu-

INVESTIMENTO A nova faculdade de Medicina e Ciências da Saúde do Albert Einstein: oferta de cursos será duplicada

FOTOS: GABRIEL REIS; FABIO H. MENDES/DIVULGAÇÃO

A ESCALADA **EDUCACIONAL** DOS **GRANDES HOSPITAIS**

EVOLUÇÃO O diretor médico do Sírio-Libanês, Fernando Ganem: melhoria contínua

Aproveitando sinergias, **Sírio-Libanês** faz **movimento estratégico em ensino e pesquisa** com a oferta imediata de graduação em ciências da saúde e **cursos de medicina** a partir de 2023. O Albert Einstein inaugura novo prédio da faculdade em agosto

Vicente Vilardaga e Fernando Lavieri

cação o credenciamento em cinco cursos: enfermagem, fisioterapia, psicologia, nutrição e gestão hospitalar. "Nós já fomos vistoriados pelo MEC e tivemos a aprovação do primeiro curso, o de fisioterapia", afirma Ganem. "Nós próximos dias receberemos a visita de avaliação para aprovação dos demais cursos." Em abril, o Sírio lançou um fundo patrimonial para arrecadar R$ 100 milhões até 2027 e, entre outras iniciativas, patrocinar projetos na área de ensino e pagar bolsas de estudo. Numa primeira fase, os cursos serão ministrados nas instalações do Instituto de Ensino e Pesquisa, mas o objetivo é levantar uma torre própria ao lado do hospital para abrigar a faculdade. No primeiro ano, a expectativa é de ter, no mínimo, 300 alunos. "Há alguns anos, o Sírio é um centro de referência em tecnologia de saúde e a criação da faculdade é a evolução natural de tudo aquilo que a gente vem fazendo em educação", diz Christian Tudesco, superintendente de marketing do hospital.

MISSÃO SOCIAL

"É uma missão formar pessoas para que elas possam levar aquilo que aprenderam para outras regiões do País", diz Ganem. "A gente sabe que a graduação é um combustível para a busca da melhoria contínua trazendo mais engajamento para aqueles que trabalham na instituição." O Sírio também se destaca na produção acadêmica e só no ano passado foram 405 trabalhos publicados em revistas indexadas. Este ano, até o momento, já há 212 artigos publicados em periódicos de saúde, com uma meta de superar 420. Só este ano, até o momento, são contabilizadas 7.222 citações de estudos do Sírio-Libanês Ensino e Pesquisa.

No caso do Albert Einstein, a inauguração do novo prédio da faculdade acontece em agosto. O moderno espaço de estudo teve investimento de R$ 700 milhões. O edifício conta com oito pavimentos, sendo cinco andares dedicados a ensino e pesquisa. O local ainda oferece ambiente de terapia celular e biologia experimental. O Albert Einstein tem cursos de graduação, pós-graduação, residência médica, técnicos e de atualização. Tinha 630 alunos em 2021, 17% dos quais usufruindo de bolsa de estudo. Em 2022, o hospital vai dobrar a oferta de cursos de graduação, de três para seis. A faculdade passa a ter as disciplinas de administração de organizações de saúde, engenharia biomédica e odontologia, além dos já existentes: medicina, enfermagem e fisioterapia. "Não há nenhum grande centro médico do mundo que também não seja um grande centro de ensino e pesquisa", diz Luiz Vicente Rizzo, diretor-superintendente de pesquisa da instituição. Prestes a entrar em funcionamento, o centro de instrução do hospital Albert Einstein já mostra a elevada qualidade educacional que vai praticar. ■

O Brasil sem proteção

OMS declara a **varíola dos macacos** como emergência mundial e diz que **o País não está preparado para enfrentá-la**. O governo nem se abala diante da disseminação da doença, **despreza testes e vacina e repete o descaso que teve para com a população no auge da Covid**

Antonio Carlos Prado e Fernando Lavieri

Erram os que estão criticando a Organização Mundial da Saúde (OMS) pelo fato de ela ter declarado estado de emergência global em relação à enfermidade denominada varíola dos macacos, uma vez que o número de infectados ainda é relativamente baixo. Erram, e aqui vai a explicação para o arriscado equívoco: em se tratando de doença causada por vírus, a preocupação de médicos e cientistas sempre é, principalmente, com a velocidade da transmissão do agente patogênico e não com a quantificação em si de contaminados. Acertou, portanto, a OMS ao alertar todos os países. Entre o domingo 24 e a terça-feira 26 o índice de enfermos subiu de 16 mil pessoas para aproximadamente 18 mil em 75 países fora do continente africano, onde a varíola é endêmica. O ritmo está por demais de acelerado. E o Brasil, onde assistimos ao espantoso aumento de 33% de diagnósticos em 48 horas, vê-se preparado para proteger a população? Está levando a sinalização da OMS com os cuidados adequados? A resposta, em palavras duras, veio da líder técnica da própria OMS, Rosamund Lewis, especializada na área de varíola de macacos: "não, o Brasil não está preparado". Disse mais: "a situação do Brasil é muito preocupante" — na terça-feira o País contabilizava 813 casos, e a maioria deles (590) se concentrava no estado de São Paulo.

> **“Deveríamos ter um esquema de proteção às pessoas que estão em contato direto com os pacientes”**
>
> **Luana Araújo**, infectologista e epidemiologista

Da mesma forma que na Covid, na varíola os testes são fundamentais - da mesma forma que na Covid, não os temos. Da mesma forma que na Covid, "faltou informação com clareza", a exemplo do que diz a infectologista e epidemiologista

FOTOS: PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS; KENA BETANCUR/AFP; ANNA CAROLINA NEGRI/AG. ISTOÉ; ISTOCKPHOTO

Luana Araújo – da mesma forma que na Covid, os brasileiros estão no escuro. O vírus da varíola dos macacos não é letal como é o coronavírus, mas, nesse ponto, volta-se à preocupação e à motivação da OMS em estabelecer a emergência global: vírus sofrem mutações, podem surgir cepas de alta letalidade, e não dá para ficar numa posição negacionista e de braços cruzados como o Ministério da Saúde, mais uma vez, está a fazer. E, quando faz, faz errado: desativou a comissão que acompanhava a evolução do vírus (aquilo que tecnicamente se chama Sala de Situação da Varíola dos Macacos), e, conforme alerta a cientista Luana, "não desenvolveu nenhum plano para frear a disseminação".

MINISTÉRIO AUSENTE

Iremos nós para o mesmo descaminho do precipício? A rigor, já estamos indo. A única desenvolvedora de vacina específica para varíola dos macacos é a farmacêutica dinamarquesa Bavarian Nordic. Seu vice-presidente de relações junto a investidores, Rolf Sass Sorensen, explicou que países que compraram a vacina o fizerem há nove semanas. O governo brasileiro não apresentava, até meados da semana passada, sequer uma gota de dose negociada. Alemanha, Dinamarca, Reino Unido e EUA estão apenas aguardando a chegada de suas encomendas de imunizantes, ainda que elas não sejam suficientes, nesse primeiro momento, para imunizar toda a população – a empresa tem capacidade de produzir apenas 30 milhões de unidades anuais. "Japão e Israel já estão vacinando a população", diz a infectologista da Unicamp Raquel Stucchi.

Quanto ao Brasil, nada foi feito. O Ministério da Saúde sequer recomendou o retorno do uso de máscaras (o contágio pode ocorrer por gotículas de saliva, embora em menor grau que a Covid), nem organizou campanhas sobre os cuidados que devem ser tomados nos contatos físicos, incluindo-se entre eles, obviamente, o contato maior que são as relações sexuais – é justamente esse contato com as lesões da doença o principal fator de transmissão. O ministério da Saúde diz que já está em tratativas para aquisição de imunizantes. O estranho é que a farmacêutica Bavarian Nordic não confirma esse fato. Na verdade, em se tratando do nosso Ministério da Saúde, nada é tão estranho assim. ■

EUA O governo fez o que deve ser feito: campanha de orientação e imunização

POR QUE NÃO É DST?

CIÊNCIA A infectologista Raquel Stucchi: o vírus é transmitido por simples contato

A varíola dos macacos, causada pelo vírus monkeypox, não é considerada uma doença sexualmente transmissível (DST) por causa da conceituação na qual está enquadrada. "A enfermidade não está caracterizada como uma moléstia que tem como sua principal forma de contágio a relação sexual como ocorre, por exemplo, com a sífilis", diz Raquel Stucchi, infectologista da Unicamp. Ela explica que isso não é observado no histórico da contaminação. Ou seja, não é DST, pois não é necessário ter uma relação íntima para ser transmitida. Mas, sim, pelo contato próximo com lesões, fluidos corporais, gotículas respiratórias e materiais contaminados.

O que aconteceu, especificamente nesse surto, é que 90% das pessoas contaminadas são homens homossexuais. Agora, porém, não há nada que impeça o ajustamento da infecção como DST, como propõem um estudo divulgado recentemente pela publicação científica *New Englad Journal of Medicine*, o qual apontou que 95% dos casos de propagação estão relacionados ao sexo. Mesmo que a definição seja alterada, fica valendo o que disse o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom. "Estigma e discriminação podem ser mais perigosos que qualquer vírus".

A troca do almoço pelo lanche

Inflação tira o arroz, feijão e a carne do prato do brasileiro, que opta cada vez mais por sanduíches, frituras e ultraprocessados, menos nutritivos e saudáveis

Elba Kriss

ECONOMIA O cachorro-quente conquista estagiária de enfermagem Letícia pelo custo

O brasileiro tem trocado refeições por lanches. É o que escancara a pesquisa Costumer Insights 2022, da Kantar, que constatou que, hoje, um almoço sai por R$ 43,94 nas regiões metropolitanas. Um sanduíche ou salgado, por sua vez, custa R$ 10,43. O preço atrai o trabalhador, que tem mudado os hábitos alimentares – para pior, alertam nutricionistas. A região da Avenida Paulista, em São Paulo, é uma prova do levantamento. Por lá, o combo arroz, feijão e carne pode chegar a R$ 40. Já um cachorro-quente básico sai por R$ 10. A versão na baguete vale R$ 16. Na terça-feira (26), esse foi o almoço da estagiária de enfermagem Letícia do Vale, 23 anos. "Prefiro pela praticidade, sabor e custo", justifica. "Por aqui, qualquer prato-feito é R$ 24". Ainda segundo o estudo, na comparação entre o primeiro trimestre de 2022 e o mesmo período em 2020, o consumo de lanches aumentou 3,9% e o de refeições caiu 3,3%. Há também o dado de que elas tiveram reajuste de 21%. Os lanches subiram ficando 11% mais caros.

No bairro da Lapa, os preços não sofreram reajustes no último ano. A vendedora Maria Isabel, 72, oferece cachorro-quente simples por R$ 6,99. "O que mais sai é o de R$ 7,99, que tem bacon", relata. O bolso fala alto nessas horas. Na terça-feira, a diarista Catia Cristina, 46, comprou um hambúrguer de R$ 10 para o filho Jonathan da Silva, 14. Para economizar, só ele se alimentou. "Tomo água e deixo para comer em casa", conta a mãe. A mudança causada pela inflação tem efeitos na saúde.

SEM REFEIÇÃO Catia comprou hambúrguer apenas para o filho

PERDA NUTRITIVA

R$ 43,94 é o preço médio de um prato completo nas regiões metropolitanas

R$ 10,43 é o valor médio de um sanduíche ou salgado

"Um prato contém, em média, 600 calorias. São 55% de carboidratos, 20% de gorduras, 23% de proteínas,12g de fibras e 1.000 mg de sódio, além das vitaminas que variam com os legumes e verduras", declara a nutricionista Raquel Righi, da Clínica de Nutrição e Qualidade de Vida. "Já um hambúrguer com bacon e queijo tem, em média, 700 calorias, sendo 60% de gorduras, 23% de carboidratos e 17% de proteínas. A quantidade de fibra cai para 1,8g e o sódio sobe para 1.800 mg, além da perda de vitamina".

A especialista em Terapia Nutricional, Flavia Auler, adverte que deficiência de ferro e zinco, por exemplo, pode resultar em queda de cabelo e unhas fracas. Para quem tem o "comer fora" como única opção, a dica é "evitar frituras". "Opte por

FOTOS: KEINY ANDRADE; GABRIEL REIS

assados, como pão de queijo, empanadas e esfirras", sugere ela. E não há dúvidas: a marmita ainda é a principal indicação. "Temos que aprender que cozinhar é remédio. É terapêutico pelo ato de escolher ingredientes e buscar caminhos, que são diferentes", ressalta Jô Furlan, médico pós-graduado pela Associação Brasileira de Nutrologia.

MENOS PROTEÍNA

A crise diminuiu o consumo de proteína de origem animal drasticamente no Brasil. De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento, o consumo per capita de carne bovina caiu de 34 kg em 2019 para 26 kg em 2021. Para profissionais, é a oportunidade de o brasileiro expandir seu cardápio. "A redução do consumo de carne por si só não é de forma alguma alarmante para a saúde pública e, sim, uma oportunidade para valorizarmos os vegetais", defende Alessandra Luglio, nutricionista especialista em alimentação vegetariana. A profissional propõe feijões, ervilha, lentilha, grão-de-bico e soja como substitutos. "As leguminosas são nutritivas, acessíveis e rendem muito se comparadas a qualquer carne", diz. ■

PREÇO BAIXO A vendedora Maria Isabel oferece opções econômicas no bairro da Lapa, em São Paulo

INDEPENDÊNCIA A visagista Tatiana Carla, de 53 anos, mora só há dois anos

O prazer de morar só

Nos últimos nove anos, o número de brasileiros morando sozinhos aumentou 43,7%. Hoje, segundo dados do IBGE, são 10,8 domicílios com um ocupante

Taísa Szabatura

Morar sozinho nunca foi tão popular como agora. Fatores econômicos, sociais e o envelhecimento da população são as principais causas que levam ao aumento dos lares que são ocupados por apenas uma pessoa. A recém-divulgada Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que, em dez anos, o aumento desse percentual de brasileiros foi de 43,7%, chegando a 10,8 milhões. Em 2012, havia no Brasil 7,5 milhões de domicílios com um único morador.

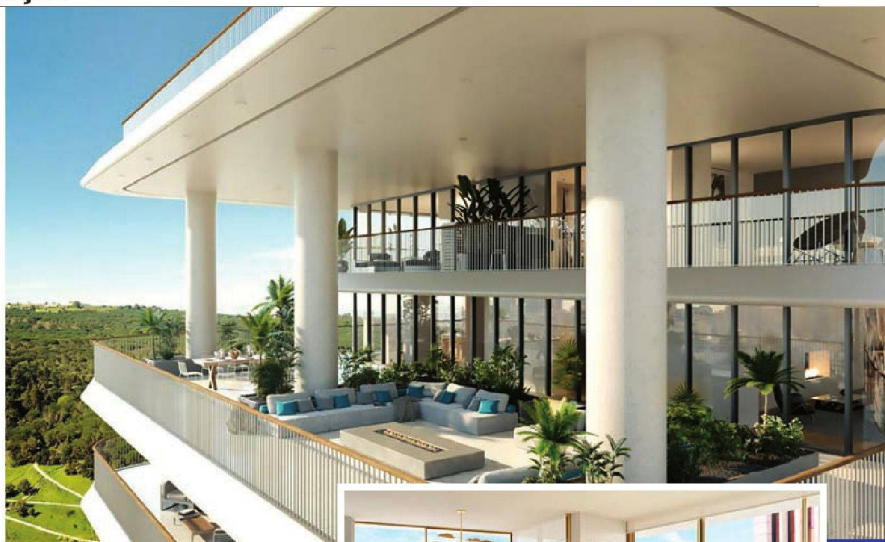
Das residências totais do País, 14,9% são desse percentual. Mas afinal, quem são os brasileiros que vivem sozinhos? A maioria são homens. Na média nacional, eles representam 56,6% desses residentes. No recorte regional, eles ultrapassam os 60% no Norte e no Nordeste. De outro lado, 43,4% dos residentes no país são do sexo feminino: no Sudeste e no Sul esse percentual está acima dos 45%. Esse é o caso da visagista Tatiana Carla, de 53 anos, que mora na capital paulista. Durante a pandemia, a única filha, de 23 anos, foi morar com o namorado e ela se viu com o apartamento só para si. "Sai da casa dos meus pais com 18 anos e acho que ela puxou essa característica de querer buscar independência cedo", diz. Para ela, morar sozinha não é sinônimo de solidão.

"É muito bom ser independente, poder escolher a decoração da casa. No começo foi um baque, mas estou bem feliz com asituação", explica. Ela pretende reformar o quarto da filha em um local de trabalho. Segundo o levantamento, quando o assunto é a população feminina, a maioria das mulheres morando sozinhas, tem mais de 60 anos, ressaltando a mudança de comportamento entre os idosos, que vivem mais e de forma independente. Por enquanto, os números foram estimados de forma amostral, mas com a realização do censo demográfico ainda esse ano será possível ter uma base de dados mais precisa, incluindo efeitos da pandemia de covid-19. ■

10,8 MILHÕES
Número de residências no País com apenas um morador

43,7%
Aumento no número de brasileiros que agora moram sozinhos

Brasileiros que escolhem o país europeu para viver investem na compra de moradia e movimentam como nunca o mercado imobiliário. Casas de alto padrão têm sido a escolha favorita daqueles que podem pagá-las

Taisa Szabatura

Foi para Portugal e achou lugar

Famílias deixando o Brasil para se estabelecerem de maneira definitiva em Portugal é uma cena cada vez mais comum. Pandemia, trabalho remoto e busca por melhores condições de vida fazem com que hoje 221 mil brasileiros vivam de forma legal no país. Os dados, que não incluem os ilegais e quem possui cidadania portuguesa, são do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), integrado à Embaixada Portuguesa e mostram que este número nunca foi tão alto, com crescimento contínuo desde 2016. E, com brasileiros até trocando Miami por Lisboa, a busca por imóveis de alto padrão têm movimentado o país de apenas dez milhões de habitantes, onde achar um bom imóvel tem sido cada vez mais raro, devido à grande procura.

Um levantamento do site Idealista, que monitora o mercado imobiliário português, aponta que, dos brasileiros que procuraram moradias para comprar na capital portuguesa no segundo trimestre do ano, 12% pediram casas e apartamentos acima de 1 milhão de euros, algo em torno de R$ 6 milhões, após a conversão. Os brasileiros que buscam imóveis de luxo em Lisboa superam até o de norte-americanos. Com isso, as principais imobiliárias entenderam o recado e, apesar do idioma ser o mesmo, dispõe de funcionários brasileiros para ajudar no processo de compra e evitar termos ambíguos que possam existir na comunicação.

ESTRATÉGICO
Para a diretora Patrícia Barão, o mercado brasileiro é o segundo mais importante do país quando o assunto é imóvel de luxo

LUXO
Os residenciais de alto padrão "Infinity Lisboa" (acima) e "The One" são destaques em Portugal

Para Patrícia Barão, diretora de Residências da JLL em Portugal, o mercado brasileiro de compra de imóveis de luxo é o mais importante depois do português. "O cliente do Brasil quer as melhores localizações, ele quer imóveis que estejam em Cas-

"Em 2021 vendemos 250 imóveis de alto padrão aos brasileiros a uma média de preço de 800 mil euros"
Patrícia Barão, diretora de residências

FOTOS: DIVULGAÇÃO; ISTOCKPHOTO

SONHO Denise Borges e Cláudio Teixeira trocaram o Rio de Janeiro por Oeiras, ao lado de Lisboa: apartamento financiado

cais, no Estoril, no centro de Lisboa, como na Avenida da Liberdade. E são imóveis que contam com áreas sociais grandes, quartos com suíte, vagas de garagem e academia", conta. Patrícia explica que muitos moradores das grandes capitais brasileiras chegam ao país com "medos do Brasil" e pedem, no ato da compra, por sistemas de segurança elaborados, com receio de furtos e assaltos, algo que, com o tempo, percebem não ser necessário.

QUALIDADE DE VIDA

"Em 2021 vendemos 250 imóveis de alto padrão aos brasileiros a uma média de preço de 800 mil euros", diz Patrícia. Em grupos de Facebook relacionados a viver em Portugal, entretanto, há diversos relatos de pessoas que querem comprar um imóvel e não conseguem, seja pela especulação imobiliária ou pelo fato de a procura ser enorme ou a necessidade de fechar a compra do imóvel rapidamente. Muitas vezes há mais de uma pessoa interessada em efetuar a compra.

O casal de funcionários do mercado financeiro Denise Borges e Cláudio Teixeira, ambos de 51 anos, decidiu ainda antes da pandemia que iria migrar para a Europa com o filho adolescente. Venderam o imóvel no Rio de Janeiro e deram o valor como entrada em um apartamento em Oeiras, cidade ao lado de Lisboa, avaliado em 350 mil euros. "Fizemos a compra por aqui, com financiamento em um banco local usando o imposto de renda do Brasil como comprovante de que tínhamos renda para o financiamento. As taxas são melhores", explica Teixeira, que trabalha em uma financeira brasileira de maneira remota. A família adquiriu um serviço de lavanderias para empreender em Portugal, mas Denise também acabou assumindo o cargo de corretora de imóveis na mesma imobiliária em que comprou o apartamento, há cerca de um ano. "Tem muita gente vindo morar aqui, atendo somente brasileiros e ganho por comissão", explica. Ela diz que a mudança foi fundamental na qualidade de vida de toda a família, que ao contrário do que acontecia no Rio de Janeiro, agora sente tranquilidade para andar na rua e deixar o filho voltar para casa de madrugada sem medo. "Acabo falando para todo mundo vir, a cidade é ótima. Estamos muito felizes com a mudança", diz. ■

LITORAL A cidade de Cascais, por conta das praias, só perde para Lisboa como destino preferido dos brasileiros

DE PORTAS ABERTAS

O Parlamento de Portugal aprovou na semana passada o projeto de lei que amplia e facilita a concessão do visto de trabalho a estrangeiros que fazem parte da CPLP (Comunidades dos Países de Língua Portuguesa). Para os brasileiros a principal mudança está na criação de um visto especial para quem busca emprego no país europeu. A permissão determina 120 dias para procura de trabalho, com possibilidade de prorrogação de mais 60. A nova lei ainda não tem data para entrar em vigor e passará por sanção do presidente Marcelo Rebelo de Sousa. O projeto mira o envelhecimento da população e também a grande escassez de mão de obra no país. Parlamentares de ultradireita criticam a medida que também beneficia os chamados nômades digitais, desde que comprovem renda.

Fuga para o mar

A pandemia e o desejo por um modo de vida alternativo levou milhares de brasileiros a trocarem a tradicional rotina urbana por um dia a dia em lanchas e veleiros

Denise Mirás

SONHO
Após o lockdown, muitos optaram por um cotidiano mais próximo da natureza

O mercado náutico explodiu durante a pandemia e já se mostra consolidado: turismo, passeios, aluguel, compra e venda de barcos para lazer ou para morar estão em alta, movimentando marinas superlotadas, porque a demanda ultrapassou a infraestrutura no País. É muita gente no mar. O confinamento provocou a ânsia de experimentar um novo estilo de vida e o que se viu foi uma corrida atrás de lanchas, iates e veleiros. Das reuniões festivas em baías abrigadas, o interesse evoluiu até para a vontade de sentir a adrenalina que é cruzar o "abominável" Cabo Horn, lá no extremo da América do Sul, onde os Oceanos Pacífico e Atlântico se encontram. Por tradição, aquele que passa por esse ponto da navegação mundial "ganha o direito de colocar um brinco na orelha esquerda", brinca Marcos Hurodovich, consultor naval e proprietário de um veleiro e um catamarã que aluga para passeios na costa brasileira ou, para quem preferir, expedições mais ousadas.

"O que aconteceu? Muita gente que estava trancada em casa, com medo da pandemia, começou a pensar que tinha dinheiro parado, podia morrer a

EXPEDIÇÕES
Marcos Hurodovich: guia para interessados a velejar até o Cabo Horn, no sul do continente

CASA A BORDO
Mariana Borges (à esq.) vive entre o Rio de Janeiro e uma praia em Angra dos Reis; Duca Cassol e Roberta Montibeller (ao lado) vivem do canal no Youtube sobre a vida no mar

qualquer momento e decidiu curtir a vida", explica, observando que no Iate Clube do Rio de Janeiro dobrou o número de pessoas interessadas em alugar seus barcos para passeios. Fato atestado por Ricardo Baggio, o Kadu, assessor da Diretoria de Vela do clube, que aponta: como as aplicações financeiras deixaram de render na pandemia, o aluguel passou a ajudar na manutenção.

Norman MacPherson afirma que clientes procuravam donos de barco diretamente para alugar e conta que começou a trabalhar "com as duas pontas", em 2013. Hoje, como CEO do Navegue Temporada, site que reúne 700 barcos de todos os tamanhos e preços, diz que a procura dobrou nos últimos meses. "O grande boom foi em setembro de 2020, quando o lockdown foi suspenso. Agora o movimento caiu um pouco, mas segue bem acima de 2019 porque se descobriu um novo tipo de lazer." Norman lembra que no passado as pessoas tinham até ciúme do barco, mas agora há até quem compre apenas para alugar. "Alguns condomínios mantêm links diretos com empresas intermediárias, principalmente para festas de um dia. A prática virou moda para despedidas de solteira."

Para Antônio Carvalho, o Tuneca, que opera com barcos mais sofisticados, a fuga para o mar começou com a pandemia, mas a partir daí o turismo náutico cresceu de maneira geral. Marcos Hurodovich concorda: "Só no entorno da ilha da Gipoia, em Angra, já circulam cerca de 300 lanchas. As pessoas gostam de ver o pôr do sol do mar." Fundador da Bombarco e influenciador digital, Marcio Ishihara diz que "o negócio triplicou, para aluguel, compra e venda". Até o Airbnb, popular aplicativo de aluguel de residências, abriu uma área dedicada aos barcos.

"Tem mais gente morando na marina do que cabe. Há barcos batendo uns nos outros"
Sergio Ramos Matajusi, velejador e promotor de eventos

Eduardo Cassol, o Duca, que segue pela costa brasileira há um ano com a mulher Roberta Montibeller, sentiu que o interesse por morar a bordo é inspirado também por vídeos de velejadores no Youtube. "Hoje existem mais de mil canais. Eu mesmo vivo 100% do *Odd Life Crafting*, que tem 97% de sua audiência do exterior", diz. "Morando no barco, as preocupações mudam: todo dia é preciso saber se tem água, se vai chover, ventar. Acordamos e já buscamos dados da climatologia." Ele também fala dos congestionamentos, como na Marina Bracuhy JL, de Amyr Klink, em Parati, no Rio, ou na de Itajaí, Santa Catarina, que em dezembro somava 21 embarcações ancoradas, com 51 moradores.

Sergio Ramos Matajusi, que morou em barco durante cinco de seus 74 anos em busca de uma "injeção de liberdade, aprendendo rotas de navios e de baleias", diz que esse é um ponto importante: a infraestrutura de marinas no Brasil não acompanhou a expansão exponencial do "mercado de vida a bordo". Os preços subiram 30%, 40% e, mesmo assim, não há barcos para comprar — nem usados. "Tem mais gente morando em marina do que cabe, com barco batendo um no outro. O Brasil podia fazer como a Croácia, que tem toda sua costa estruturada para o setor náutico, com lazer, aprendizado e moradia. É um mundo muito rentável."

A coordenadora de inovação Carolina Araripe, uma carioca que mora em São Paulo, aluga um catamarã nas rápidas idas ao Rio para reunir os amigos e "dar aquele mergulho em água salgada, ao pôr do sol, lindo no fim de inverno", como destaca. "Vejo no Instagram muita gente fazendo isso ou morando e trabalhando em várias praias, no formato "anywhere office" ("escritório em qualquer lugar"). Mariana Borges, velejadora e responsável pelo Expositor Náutico – "um hub de relacionamento do setor" –, comprou seu barco há menos de um ano e divide a vida entre a cidade e uma praia de pescadores em Angra. "Teve quem largasse tudo para morar a bordo, no ferro [ancorado], ou velejando sossegado, sem loucuras." ■

FOTOS: REPRODUÇÃO; DIVULGAÇÃO

SUCESSO Os sócios Dougllas Dias e Rodrigo Cintra: investimento de R$ 1,5 milhão no salão, em São Paulo

O negócio da beleza

Com 799 mil empresas ativas, o setor manteve o faturamento – apesar da crise e da pandemia

Elba Kriss

Se existe algo que resiste à crise é o negócio da beleza: é o segundo setor com maior número de empresas abertas no Brasil. Entre os 19,6 milhões de empreendimentos ativos no Brasil, há 799 mil cabeleireiros, manicures e pedicures em funcionamento. Essa indústria só perde para o comércio varejista de artigos do vestuário, que tem um milhão de registros. Segundo o Mapa de Empresas, do Ministério da Economia, o nicho é um dos três que mais abrem CNJPs – somente em junho, foram 11 mil. Desde 2020, o número chega a 343 mil.

Os dados correspondem a profissionais da beleza em geral, como esteticistas, maquiadores, depiladores e barbeiros. Em São Paulo, o salão The Art Salon é um exemplo dessa força. Com investimento de R$ 1,5 milhão, o empreendimento dos cabeleireiros Rodrigo Cintra, de 43 anos, e Dougllas Dias, de 33, foi inaugurado em outubro de 2020, em plena pandemia, mas conseguiu se manter. Com 30 anos de carreira, Cintra comemora a agenda cheia: "Estou com fila de espera de 30 a 40 dias". Aos novos empreendedores, deixa uma sugestão: "Montar um salão só vale a pena quando o dono é cabeleireiro. Quem quer entrar nesse ramo precisa ter experiência como profissional e gestor".

Em Paraisópolis, Viviane Chiapetta, de 38 anos, é proprietária do Espaço Vivi Chiapetta Clínica de Sobrancelhas. Há um ano, ela passou a oferecer esteticista, nutricionista, profissionais de harmonização facial e toxina botulínica (botox) a seus clientes. "Meu melhor mês foi dezembro de 2021, quando faturei R$ 38 mil. Nesse ano, a média já está em R$ 42 mil", diz. Segundo a Outdoor Social Inteligência, dedicada a pesquisas na periferia, há mais de 34 mil salões com CNPJ ativo nas favelas brasileiras – uma prova de que o mercado da beleza só cresce. ■

FOTOS: KEINY ANDRADE; ISTOCKPHOTO

HERDEIRO Lucas Jagger gosta de bolsas e acessórios de grife

Estilo fluido

Salto? Vestido? Babados? Com o estímulo de celebridades que ajudam a normalizar atitudes e derrubar preconceitos, os homens estão usando cada vez mais roupas femininas

Taísa Szabatura

E se finalmente todas as pessoas se vestissem como quisessem? Em um mundo onde as normas de gênero ainda estão profundamente enraizadas na sociedade, atores, cantores e influenciadores ajudam a normalizar itens tidos como femininos em seus guarda-roupas. Por isso os babados, brilhos, transparências, bolsas e até sapatos com salto e saias estão cada vez mais presentes nas redes sociais, nas passarelas e nos tapetes vermelhos mundo afora. Com a popularidade da tendência, as ruas e as lojas de departamento nunca foram tão plurais como agora. Para ver a mudança, basta ir até a rede social mais próxima.

Enzo Celulari, empresário filho de Cláudia Raia e Edson Celulari, é um galã de sua geração e, aos 25 anos, abusa de cores chamativas, pinta as unhas e sua sexualidade não vira assunto por causa dessas decisões. O mesmo acontece com outro herdeiro, o filho de Mick Jagger e Luciana Gimenez, o influenciador Lucas Jagger. O rapaz, que já foi alvo de chacota por suas escolhas de estilo no passado, acabou herdando do pai o tom provocador para responder

OUSADIA O empresário Enzo Celulari não tem medo de abusar das cores chamativas

POSTURA O cantor Olly Alexander subiu no salto para o tapete vermelho

BABADO Harry Styles: transparências e unhas feitas nos palcos

a esse tipo de questão e, aos 23 anos, se tornou um ícone fashion. Seu visual na plateia dos desfiles europeus de moda masculina ganhou as páginas das revistas. Elegante, porta uma bolsa de grife aonde vai, sempre mostrando detalhes da sua personalidade em acessórios coloridos, como pulseiras, óculos e sapatos.

Já o ator Jesuíta Barbosa, no ar em Pantanal, mesmo que use jeans rasgados e camiseta, dá a entender que com ele o gênero de seu vestuário é difícil de determinar, já que sempre há um detalhe para tirar a banalidade da cena. Se agora a probabilidade de sofrer bullying ou cancelamento por causa de um sapato de salto é pequena, desafiar as normas sociais não é algo novo. A moda de gênero fluido existe há milhares de anos e muitas coisas consideradas de "menina" eram usados por "meninos" em outras épocas, como os saltos, popularizados pelos reis franceses, e a maquiagem delineada usada pelos homens do antigo Egito.

GALÃ DE HOLLYWOOD

Na música, David Bowie, Grace Jones e Freddy Mercury são apenas alguns dos artistas que lançaram tendências globais até hoje amplamente discutidas. O cantor britânico Harry Styles traz uma continuação dessa trajetória da moda no meio musical. E, como a ousadia não é restrita aos jovens, um dos looks mais comentados do mês foi a escolha de Brad Pitt de ir com uma saia à pré-estreia de seu mais novo filme. A foto do astro no tapete vermelho circulou o mundo, mas essa não é a primeira vez que um dos homens considerados um dos mais bonitos do planeta, teve essa atitude. Em 1999, para promover "Clube da Luta", longa que em sua essência investiga os perigos da masculinidade e a obsessão em alcançar o status de macho alfa, Pitt estampou a capa da revista Rolling Stone usando um micro vestido colado ao corpo.

Para o estilista Theo Alexandre, responsável pela Thear Vestuário, esse comportamento da moda é, de fato, uma maneira de questionar a masculinidade tóxica. "O que é de homem e o que é de mulher? Essa pergunta parece até datada. Estamos vivendo esse período de naturalização e essa nova geração tem trazido muito isso", explica. Para Alexandre, até em situações mais discretas é possível ver homens usando tecidos finos, como a viscose, aliados ao pink, uma cor que era pouco usada até há pouco tempo. ■

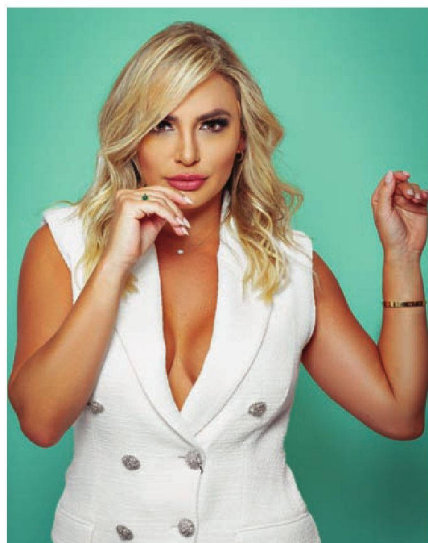
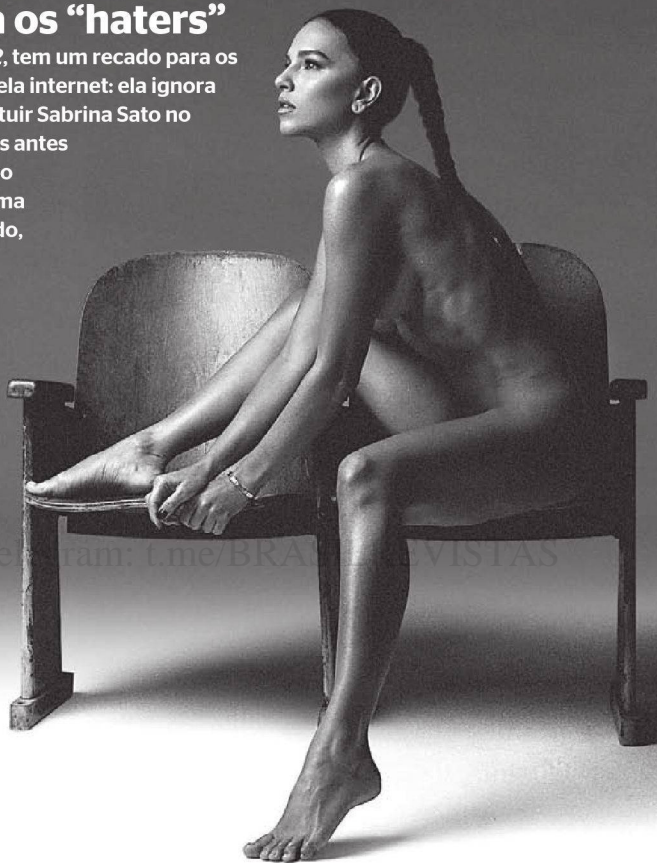
SEX SIMBOL Brad Pitt questiona os limites da masculinidade em Hollywood

FOTOS: DANIELE VENTURELLI/GETTY IMAGES FOR FENDI; REPRODUÇÃO INSTAGRAM; TRISTAN FEWINGS/GETTY IMAGES; THEO WARGO/WIREIMAGE; BEN KRIEMANN/GETTY IMAGES FOR SONY PICTURES

por Elba Kriss

Gente

Ela não está nem aí para os "haters"

Mariana Rios, apresentadora do *Ilha Record 2*, tem um recado para os "haters", aquela turma que só sabe falar mal pela internet: ela ignora esse tipo de comentário. Escolhida para substituir Sabrina Sato no reality da Record, a ex-Globo foi alvo de críticas antes mesmo de estrear, em 18 de julho. "Em primeiro lugar, tenho que gostar do meu trabalho", afirma a apresentadora. "Se estou feliz com o resultado, podem dizer que está péssimo que não ligo." Esse posicionamento, segundo Mariana, faz bem para sua saúde mental. "Converso muito sobre isso na minha análise: faço as coisas para mim. Se estiver feliz, pode vir "haters" que não estou nem aí." A mineira de 37 anos tem sofrido com as baixas temperaturas do inverno em Paraty, litoral sul do Rio de Janeiro, onde o programa está sendo gravado: "Tive que mexer no figurino e cheguei a filmar com casacos de neve. Quase não consegui usar vestidos com as costas de fora e decote por conta do frio".

Biquínis muito pequenos para os EUA

A nova edição do reality show *Big Brother,* nos EUA, não contava com o furacão **Indy Santos**, uma brasileira que tem dado o que falar. A comissária de bordo teve até seus biquínis confiscados: segundo a produção, eram muito pequenos. Por aqui, seus pais esbanjam orgulho e torcida pela filha. Jovanilda Rios, a mãe, revelou que ela não foi aceita para o BBB da Globo, mas conseguiu um destaque muito mais relevante. "A sua história tinha que ser contada e conhecida não só no Brasil, mas em outros países", comemora. "Quando a vejo no programa, às vezes, acho que estou sonhando. Só peço a Deus que a proteja", completa. "Tenho muito orgulho de tudo que ela está representando para o nosso País", afirma Normam Santos, o pai. A brasileira disputa um prêmio de US$ 750 mil, cerca de R$ 4 milhões – valor bem maior que as companhias aéreas pagavam a ela antes da fama.

FOTOS: HUDSON RENNAN/DIVULGAÇÃO; EMERSON NASCIMENTO/DIVULGAÇÃO

Da periferia para o mundo

Um nome brasileiro passou a chamar a atenção no Top Viral Global do Spotify: **Kevin O Chris**, funkeiro do Rio de Janeiro, acaba de emplacar o sucesso *Incendeia* na plataforma. A canção, que também viralizou no TikTok, coloca o músico em destaque no cenário internacional. "Quando um som nosso entra nas paradas, é a resposta direta que o público abraçou de verdade e curtiu", observa o cantor. "O funk representa a cultura de favela, que é uma parte gigante do Rio de Janeiro e do Brasil. A arte que vem da falta de oportunidade transforma a realidade das pessoas". O artista, no entanto, acredita que sua missão é ainda maior do que apenas fazer sucesso. "Enquanto tiver fôlego, vou levar o funk para todos os lugares, cada vez mais longe", adianta. O plano vem dando certo: seu novo DVD, *Sonho de Garoto*, foi gravado em Portugal.

Beleza na pressão

A cantora e atriz Selena Gomez sempre sonhou em impactar o mercado da beleza, mas de uma maneira positiva. Aos 30 anos, a ex-estrela da Disney causa alvoroço com sua nova linha de maquiagem e é sincera ao dizer que sua principal inspiração para a criação dos produtos vem da pressão que recebe dos fãs e da mídia. "Ninguém precisa parecer com os outros: cada um tem que ser como é. Por isso, eu criei uma maquiagem fácil de usar, que não faz as pesssoas pensarem que estão mudando o rosto. Assim, você pode exaltar sua beleza e não precisa esconder nada". A marca chega ao Brasil em agosto.

Essa dica vale um Oscar

Aplaudido pelo papel de Elvis *no cinema,* ***Austin Butler*** *revelou que uma conversa o ajudou a compor o personagem. Rami Malek, que interpretou Freddie Mercury em* Bohemian Rhapsody, *filme sobre a banda Queen, foi o responsável por conselhos importantes. Segundo o ator, o colega o acalmou: "Rami me disse para não ter medo e para aproveitar o período da filmagem, pois seriam os meus dias favoritos." Antes, Butler sofria com a ideia de interpretar o Rei do Rock. "Ficava apavorado antes de entrar em cena. Quando relaxei, eu não queria mais que o dia chegasse ao fim".*

O galã mais quente da TV

O argentino **Michel Brown** tem chamado a atenção do público brasileiro: o artista de 30 anos é o apresentador do *Desafio Sob Fogo*, sucesso do canal History. O reality show de cutelaria – a arte de produzir facas de forma artesanal – tem o paulista Ricardo Vilar entre os jurados e três brasileiros na competição. O galã hermano também está disponível no streaming Globoplay, onde capricha nas cenas sensuais como protagonista da novela *Amar a Muerte*. Por causa disso, Brown tem ficado surpreso com a quantidade de comentários em português em suas redes sociais. Nas entrevistas, ele costuma provocar seu fã-clube: "O que mais gosto nas mulheres são as curvas. Viva a América Latina".

FOTOS: DIVULGAÇÃO; STEFANIA D'ALESSANDRO/GETTY IMAGES; BRENDON THORNE/GETTY IMAGES/AFP; REPRODUÇÃO

EFICAZ
Energia Solar ganha espaço nos projetos arquitetônicos no Brasil

O triunfo da energia solar

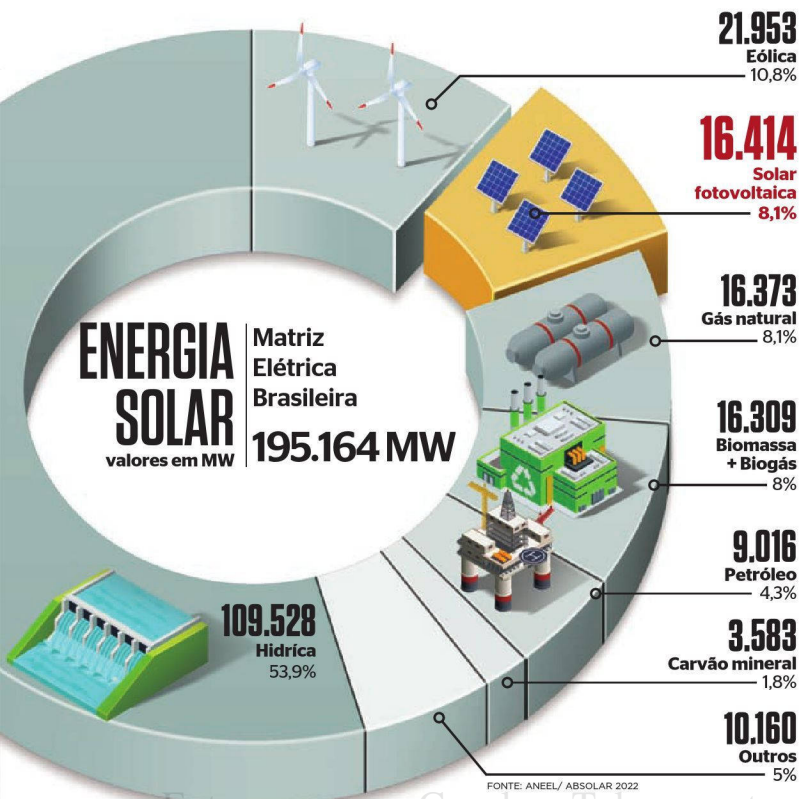
Com o encarecimento da eletricidade e o risco climático, o abastecimento fotovoltaico virou um investimento estratégico para consumidores e empresas. Essa modalidade acaba de atingir a terceira posição na matriz energética do País

Mirela Luiz

Há anos os especialistas apostam na energia solar, que é não apenas limpa mas traz benefícios que vão desde a economia da conta de luz doméstica até o aumento na produtividade nos processos agrícolas e industriais. E o Brasil acaba de dar um passo importante para se firmar nessa nova modalidade. Ela se tornou a terceira maior fonte da matriz elétrica brasileira, ultrapassando a potência gerada pelas termelétricas a gás natural e de biomassa e ficando atrás da hídrica e eólica.

A transformação foi relativamente rápida. Não faz muito tempo que a energia solar era extremamente cara. Passados alguns anos, esses equipamentos ficaram mais baratos e acessíveis. Estima-se que em 2024 o Brasil tenha, aproximadamente, 887 mil sistemas de energia solar conectados às redes de distribuição. "É interessante falar que hoje temos como fazer um projeto já com materiais fotovoltaicos integrados à edificação, com materiais nacionais, sem precisar fazer importações, o que acaba melhorando o custo", afirma a arquiteta Clarissa Debiazi Zomer, diretora da Arquitetando Energia Solar.

Para o diretor da Absolar (Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica), Carlos Dornellas, o avanço da energia solar no País, via grandes usinas e pela geração própria em residências, pequenos negócios, propriedades rurais e prédios públicos é fundamental para o desenvolvimento econômico e ambiental. "A fonte ajuda a diversificar o supri-

 FOTOS: REPRODUÇÃO; DIVULGAÇÃO

INVESTIMENTO VANTAJOSO

A energia solar está em alta nos imóveis comerciais e residenciais

Apesar de ser um mercado relativamente novo, grandes empreendimentos comerciais e residenciais já usam a energia solar. A grande expansão se iniciou há dois anos. De acordo com Mário Campogrande, diretor Financeiro da Solarprime, o cenário para esse setor é mais que positivo atualmente. "Um sistema de energia solar é hoje uma forma de investimento muito melhor que outras formas tradicionais, pois não se trata de um produto que você investe para só depois ter retorno com o resultado. Já no primeiro mês é possível baixar a conta de luz em 95% e existem linhas de financiamento no qual o valor de uma parcela pode ficar igual ou até menor do que a conta atual de energia, em alguns casos", argumenta.

SUSTENTÁVEL
Cada vez mais brasileiros optam por construções que priorizem a energia solar como fonte

mento de energia elétrica, reduzindo a pressão sobre os recursos hídricos e o risco de ainda mais aumentos na conta de luz da população", defende. De acordo com a associação, estima-se que 2022 terá um recorde nas instalações, chegando a quase 25 gigawatts médios (GW) nos tetos de prédios e casas. Ou seja, é um volume que representa quase duas usinas de Itaipu, a maior do País, com 14 gigawatts (GW) de capacidade.

Graças à versatilidade e agilidade da tecnologia solar, uma usina fotovoltaica de grande porte fica operacional em menos de 18 meses, desde o leilão até o início da geração de energia elétrica. E bastam apenas 24 horas para tornar um telhado ou um pequeno terreno em uma fonte de geração de eletricidade a partir do sol. "As usinas solares de grande porte geram eletricidade a preços até dez vezes menores do que as termelétricas fósseis emergenciais ou a energia elétrica importada de países vizinhos, duas das principais responsáveis pelo aumento tarifário sobre os consumidores", diz Dornellas. Por ser um país tropical e ensolarado, o Brasil tem mostrado um grande potencial na modalidade. A energia solar no Brasil já acumula mais de R$ 86,2 bilhões em investimentos.

PRAZO ATÉ JANEIRO

A adoção da energia solar rende 95% de economia na luz e permite que os negócios se tornem mais sustentáveis. "Percebo um crescimento principalmente no âmbito residencial. Os preços vêm reduzindo e o retorno que já foi de cinco anos hoje está em torno de três. Isso faz com que fique cada vez mais interessante investir nessa fonte", diz Clarissa. Com a nova lei em vigor desde o início do ano, que prevê isenção de encargos setoriais até o fim de 2045 para quem instalar um sistema de geração própria solar até 7 de janeiro de 2023, a demanda dos projetos tende a aumentar. A população sente a necessidade de uma energia mais barata e sustentável. "Tem muita gente querendo aproveitar essa nova lei e se beneficiar até 2045", constata ■

TROPEÇOS DE BIDEN

A popularidade do presidente americano segue em queda, reforçada pelas gafes que se acumulam e preocupam a equipe. Adversários aproveitam para colocar em xeque a idade avançada e sua capacidade cognitiva

Denise Mirás

"Não. Por que faria? É como pedir um exame para ver se você está usando cocaína. Você é um drogado?"

Joe Biden, presidente dos EUA, a um repórter que perguntou se ele tinha feito teste de cognição para avaliar demência

As redes sociais viralizam cada vez mais os "micos" de Joe Biden, 79 anos, como sinais de senilidade. Com isso, colaboram para que a popularidade do presidente americano, já em baixa com a inflação do país (9,1% em junho, a maior em 41 anos), caia ainda mais. E esses índices devem influir nas eleições legislativas de meio de mandato, em 8 de novembro. A renovação do Congresso é vista como parâmetro para as próximas eleições presidenciais, em 2024, e é grande o risco do Partido Democrata perder maioria na Câmara, o que iria paralisar o governo de Biden, candidato à reeleição.

Nascido em 20 de novembro de 1942, Joe Biden foi o presidente mais idoso a assumir o cargo e, nas eleições legislativas, estará a dias de se tornar octogenário. Depois da retirada de tropas do Afeganistão, em agosto de 2021, sua aprovação despencou e em julho bateu nos 38%, de acordo com pesquisa da Harvard CAPS-Harris. Nada menos que 62% dos eleitores americanos desaprovam a maneira como conduz o país, que está perto da recessão — e 71% dizem que ele não deve disputar um segundo mandato (essa porcentagem é de 94% na faixa como menos de 30 anos).

DESLIZES EM SÉRIE

Biden tem um histórico de tragédias familiares e uma carreira marcada por superações. Seu maior desafio na infância foi a gagueira. Ele já sofreu dois aneurismas cerebrais severos. Os tropeços em suas declarações ocorrem desde o início na política. No discurso de posse, enfatizou a necessidade de apoio e empatia com pessoas que sofrem "bullying", ao apresentar um garoto que passa pelas mesmas dificuldades que ele sofreu. O democrata passa por repetidas situações constrangedoras (veja quadro), como na mais recente, sobre sua infecção por Covid-19, quando deu a entender que estava com câncer. A Casa Branca negou e divulgou que estava no fim dos sintomas e retomando sua atividade física, cinco vezes por semana.

Volta e meia Biden precisa desmentir questionamentos desagradáveis. Em agosto de 2020, uma provocação de Trump foi replicada por um repórter da CBS, que perguntou se havia feito um teste cognitivo (para avaliar se estaria demente, aos 77 anos). Biden respondeu: "Não. Por que faria? É como pedir um exame para ver se você está usando cocaína. O que você acha? Você é um drogado?"

Nas últimas semanas, em que emendou desastradamente em seu discurso as dicas do teleprompter (leu o final: "Repita a última frase"), a viralização de seus tropeços nas redes sociais ferveu e levou a novos questionamentos. Para o neurologista Hennan Salzedas Teixeira, da Beneficência Portuguesa de São Paulo, esse deslize chamou a atenção e é um sinal amarelo: "Alteração na linguagem ou memória podem ser sinais de declínio cognitivo leve. Ou na atenção, como no caso desse discurso, em que ele não assimilou o que estava falando. Mas não é por que tem 80 anos que está com demência. A alteração na atenção pode ser resultado de uma noite mal dormida, por exemplo. Privação de sono pode levar a isso. Portanto, não dá para afirmar nada antes de investigar".

Quanto mais gafes Biden acumula, mais são replicadas pelos adversários, que se espelham em um Donald Trump furiosamente empenhado em retomar o poder. Nascido em 14 de junho de 1946, o ex-presidente tem apenas três anos menos que Biden (76 a 79) e também sofre com rejeição, principalmente com a repercussão negativa do Comitê no Congresso que investiga seu apoio à invasão do Capitólio em 6 de janeiro. A pesquisa da Harvard diz que 30% acreditam que Trump seja responsável pelo episódio que ameaçou a democracia americana; 39%, que é um sujeito instável; 30%, que divide o país, e 61% acham que não deve disputar a presidência novamente. Ainda assim, o ex-presidente teria 44% dos votos, contra 39% do atual.

Republicanos e democratas se engalfinham em eleições primárias pela definição de melhores candidatos para concorrer ao Congresso. A Câmara terá todas as 435 cadeiras renovadas, hoje ocupadas por 221 democratas e 213 republicanos. O Senado, que conta com 50 republicanos, 48 democratas e dois independentes, troca apenas um terço. A reconfiguração das Casas pode ser favorável aos republicanos. Nas contas dos democratas otimistas, o partido poderia até perder cinco de suas vagas na Câmara, que seguiria como maioria. Os republicanos já falam em ganhar mais 60 cadeiras. Perder a maioria é o maior pesadelo dos governistas, porque projetos de Biden seriam bloqueados, dificultando muito sua reeleição, e ainda com risco de uma crise constitucional abrir caminho para o impeachment da dupla Joe Biden-Kamala Harris. ■

24 de janeiro
Em resposta a um repórter da Fox News, sobre a inflação ser um "passivo político", Biden não percebeu o microfone aberto e falou: "Não, é um trunfo, fdp estúpido"

18 de junho
Ao tentar parar a bicicleta que pedalava, para falar com um grupo de pessoas, o presidente caiu; nas redes sociais, as pessoas imitaram o tombo na gozação, subindo a hashtag #Bidening

8 de julho
No fim do discurso sobre aborto que lia no teleprompter, Biden emendou as instruções: "Fim da frase. Repita a linha"

20 de julho
Com relação à crise climática, se saiu com "É por isso que eu e muitas pessoas com quem cresci têm câncer", o que obrigou a corrida de assessores para esclarecer que o presidente teve câncer de pele mas está curado

FOTO: BRENDAN SMIALOWSKI/AFP

por Felipe Machado

PALAVRAS DO SONHADOR

Considerado um dos discursos mais transformadores da história dos direitos civis no EUA, *Eu Tenho um Sonho*, de Martin Luther King Jr., é publicado na íntegra em uma edição bilíngue

A eleição de Abraham Lincoln para a presidência dos EUA, em 1860, foi o estopim para um sangrento conflito que matou 600 mil norte-americanos e dividiu o país em dois exércitos: de um lado, os escravagistas estados sulistas; do outro, as forças do norte abolicionista, lideradas pelo presidente recém-eleito. A guerra civil foi vencida pelo Norte em 1865, mas, no mesmo ano, o assassinato de Lincoln tornaria o processo de paz inconcluso e deixaria profundas cicatrizes na alma da América que permanecem até hoje.

Um século depois, em 28 de agosto de 1963, o monumento em homenagem a Abraham Lincoln, em Washington DC, foi palco de um evento que transformaria definitivamente a sociedade americana. O memorial no coração da capital dos EUA foi o destino final de um protesto pacífico que reuniu mais de 250 mil pessoas, uma multidão unida na luta pelos direitos humanos. A manifestação foi organizada por um jovem advogado que também atuava como pastor protestante, Martin Luther King Jr., então com 34 anos.

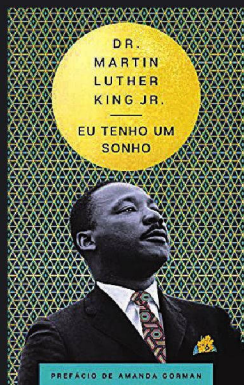
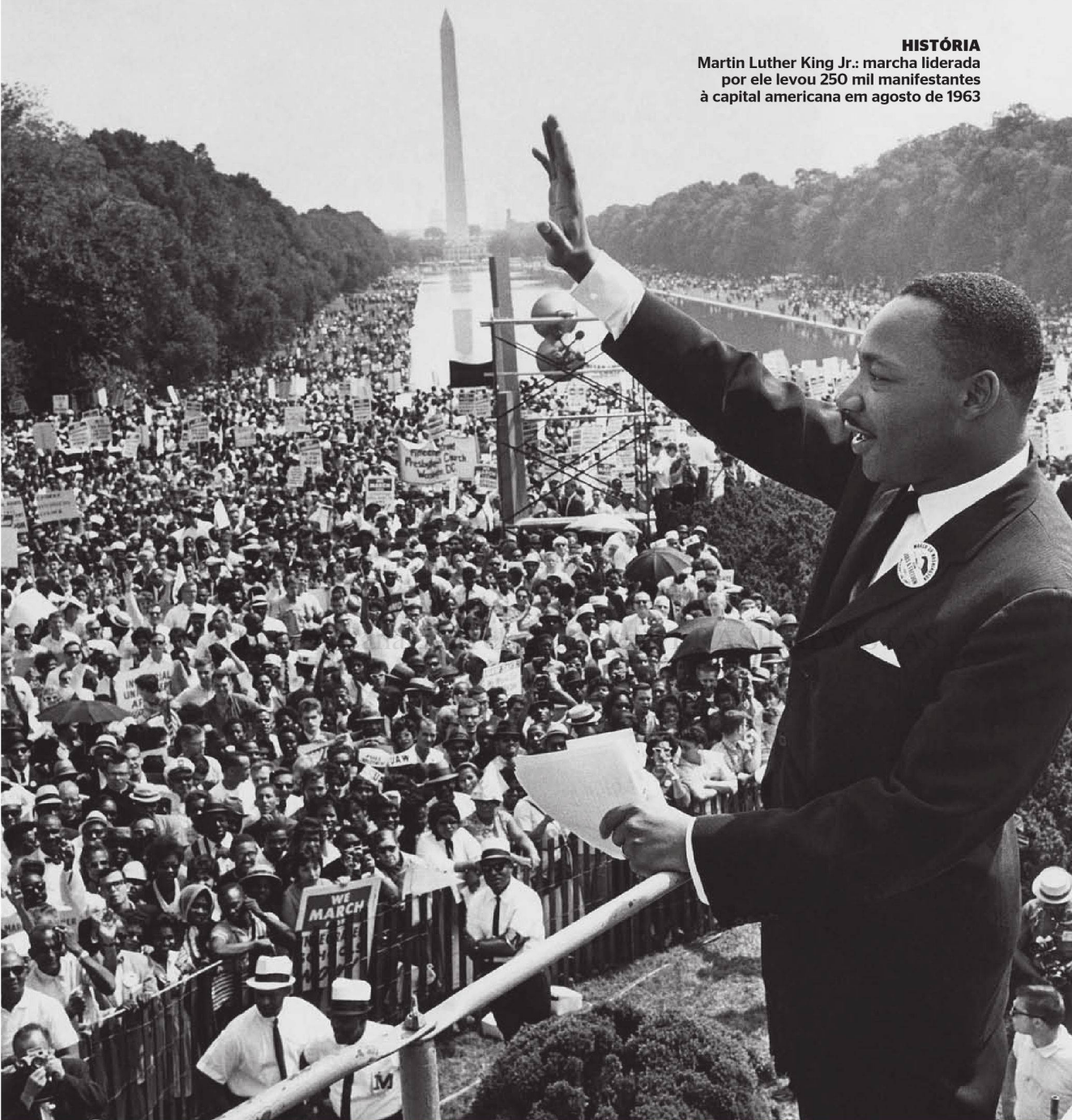
A Marcha sobre Washington por Trabalho e Liberdade, nome oficial do movimento, representou um momento político essencial para a compreensão do século 20. Não apenas pela massa humana que reuniu, mas porque teve em seu ápice um discurso que entraria para a história como um manifesto da luta contra a segregação racial e pelos direitos humanos. *Eu Tenho um Sonho* mostrou o poder da oratória de Martin Luther King e seu poder que inspiraria milhões de pessoas a partir de então.

O roteiro é a primeira obra publicada no País após a editora Harper Collins garantir os direitos sobre o acervo do ativista americano. Além da íntegra do texto, em edição bilíngue, o livro traz prefácio da poeta Amanda Gorman, que falou na posse do presidente Joe Biden, em janeiro de 2021. "O discurso do Dr. King perdura não só por causa de sua prosa robusta, mas também por sua impressionante poesia. Como na maioria das antigas rapsódias, o ambicioso reverendo conduz perfeitamente o lirismo, a linguagem figurativa, a rima, o ritmo e as ferramentas retóricas", escreve Amanda.

De fato, o discurso é uma combinação perfeita de visão e emoção, conteúdo político e inspiração pessoal. É uma aula de empatia, que tanto inspira a reflexão quanto chama para a ação. Começa com uma homenagem a Lincoln: "Há cem anos, um grande americano, em cuja sombra simbólica nos encontramos hoje, assinou a Proclamação da Emancipação". Ao final, proclama o trecho mais famoso: "Eu tenho um sonho de que meus quatro filhos pequenos um dia viverão em uma nação onde não serão julgados pela cor de sua pele, mas pelo conteúdo de seu caráter".

Muita coisa aconteceu na América desde então. Dr. King ganhou o Prêmio Nobel da Paz por sua batalha contra o racismo; ele ainda organizou três grandes marchas, entre as cidades de Selma e Montgomery, no Alabama, que levaram à criação da lei do Direito ao Voto para a comunidade negra. No entanto, pagou um preço alto pela vitória: foi assassinado em 1968, quando preparava uma nova marcha para Washington, dessa vez contra pobreza. Mais de quatro décadas depois, em 2008, os EUA elegiam o seu primeiro presidente negro, Barack Obama. Esse feito histórico nunca teria se tornado realidade sem o sonho de Martin Luther King. ■

Eu Tenho um Sonho
Dr. Martin Luther King Jr.
Harper Collins
128 págs.
Preço: R$ 69,90

FOTOS: HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES; PATRICK SEMANSKY-POOL/GETTY IMAGES; DIVULGAÇÃO

HISTÓRIA
Martin Luther King Jr.: marcha liderada por ele levou 250 mil manifestantes à capital americana em agosto de 1963

AMANDA GORMAN SEGUE OS PASSOS DE DR. KING

Com apenas 22 anos, ela foi a mais jovem poeta a discursar em uma posse presidencial: em 2021, após se formar com honrarias na Universidade de Harvard, declamou, em Washington, seu texto *O Monte que Escalamos*, diante de Joe Biden e de sua vice, Kamala Harris. Amanda é a fundadora da ONG *One Pen One Page,* que apoia jovens carentes que desejam se tornar escritores.

Cinema Paradiso

Festival dedicado à produção italiana comemora o centenário do mestre Pier Paolo Pasolini e traz filmes inéditos que revelam o talento de novos diretores

Felipe Machado

MESTRE Pier Paolo Pasolini: pioneiro ao retratar os excluídos da sociedade na Itália

O cinema italiano é marcado por cenas inesquecíveis: o banho de Anita Ekberg na Fontana di Trevi, em *La Dolce Vita*, de Federico Fellini; o olhar do garoto Totó assistindo aos clássicos de Charles Chaplin e John Wayne, em *Cinema Paradiso*, de Giuseppe Tornatore; o pobre Antonio descobrindo que sua bicicleta foi roubada, em *Ladrões de Bicicleta*, de Vittorio de Sica. Apesar da glória inquestionável do passado, a indústria cinematográfica da Itália não parou no tempo: é o que prova uma mostra que estreia em 19 cidades brasileiras.

Em sua 9ª edição no Brasil, a 8½ Festa do Cinema Italiano traz 12 filmes, oito deles em pré-estreia nacional. A seleção revela o vigor da produção atual do país, com obras que tem se destacado em festivais internacionais. É o caso de *Laços*, de Daniele Luchetti, que abriu o Festival de Veneza em 2021, e *Il Buco*, de Michelangelo Frammartino, que recebeu o Prêmio do Júri na mesma competição. Já *Leonora, Adeus*, de Paolo Taviani, concorreu ao Urso de Ouro em Berlim, em fevereiro.

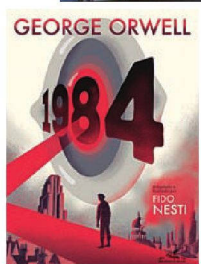
MAESTRO Ennio Morricone: compositor escreveu mais de 500 trilhas sonoras

Uma das premiéres mais aguardadas é *Ennio, o Maestro*, novo filme de Giuseppe Tornatore, famoso por *Cinema Paradiso*. O documentário homenageia o compositor Ennio Morricone, autor de mais de 500 trilhas sonoras. Para seu filho, Marco Morricone, que está no Brasil, o filme é uma verdadeira lição de vida: "Ele traz muitos ensinamentos, como a paixão pelo trabalho e a dedicação à ética", afirma.

Outro destaque é a sessão especial que celebra o centenário de nascimento de Pier Paolo Pasolini. *Mamma Roma* (1962), estrelado por Anna Magnani, é o segundo longa do diretor e um dos primeiros trabalhos cinematográficos a retratar os excluídos da sociedade italiana. Uma obra-prima que convive de forma harmoniosa com os novos talentos da terra do Cinema Paradiso. ■

FOTOS: AF ARCHIVE/ALAMY STOCK PHOTO; FELIPE RAU/ESTADAO; REPRODUÇÃO

Com o País cada vez mais respeitado na indústria das HQs, dois brasileiros acabam de ganhar o *Eisner*, importante prêmio de um setor que movimenta bilhões de dólares

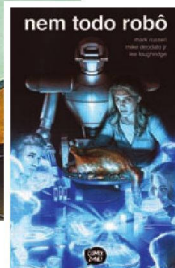
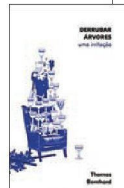
Felipe Machado

DISTOPIA
1984, do paulistano Fido Nesti: adaptação do clássico de George Orwell

Oscar do quadrinhos vai para... o Brasil

Assim como acontece com os super-heróis na indústria cinematográfica, o mercado das histórias em quadrinhos é um gigante que movimenta bilhões de dólares em todo o mundo. Após ter faturado US$ 9,2 billhões em 2021, a previsão é de que, até 2028, esse setor ultrapasse os US$ 12 bilhões. No Brasil não é diferente: a feira Comic-Con Experience (CCXP), em São Paulo, um dos maiores eventos do estilo no mundo, espera mais de 300 mil pessoas na sua próxima edição, em dezembro.

Como todo grande universo criativo, a indústria dos HQs também tem um prêmio para valorizar seus artistas mais relevantes. É o *Eisner*, batizado em homenagem ao pioneiro Will Eisner, criador do personagem Spirit e autor de obras como *Um Contrato com Deus* e *Nova York*. Na última cerimônia dessa premiação, que é considerada o "Oscar dos quadrinhos", dois brasileiros venceram em categorias distintas: o paulistano Fido Nesti ganhou pela adaptação de *1984*, distopia de George Orwell, e o paraibano Mike Deodato levou a estatueta pela melhor série de humor, com *Nem Todo Robô*, ilustrada por ele e com texto do norte-americano Mark Russell. Artista gráfico há mais de três décadas, Nesti ficou conhecido no exterior por sua elogiada versão de *Os Lusíadas*, de Camões. Deodato, por sua vez, fez carreira desenhando super-heróis para a Marvel, nos EUA.

Não foi a primeira vez que o Brasil foi recompensado no *Eisner Awards*. Em 2018, Marcelo D'Salete foi agraciado por *Cumbe*, HQ inspirada pela saga do Quilombo dos Palmares. As grandes estrelas brasileiras do gênero, porém, são Fábio Moon e Gabriel Bá. Em 2008, ganharam o Eisner pelo livro *5*; em 2011, venceram novamente com *Daytripper*. A adaptação de *Dois Irmãos*, do escritor Milton Hatoum, também deu sorte aos gêmeos – a obra foi vitoriosa em 2015. ■

FICÇÃO CIENTÍFICA *Nem Todo Robô*, do paraibano Mike Deodato: carreira marcada pelos super-heróis da Marvel

MÍSTICO
The Sandman: alta tecnologia para criar realidades paralelas

STREAMING

O mundo sombrio de *Sandman*

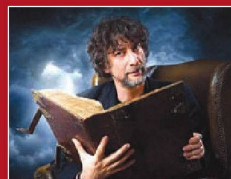
Famosa obra de Neil Gaiman é finalmente adaptada às telas com Tom Sturridge no papel de Morpheus, o Mestre dos Sonhos

A história mais famosa do autor britânico Neil Gaiman finalmente vai ganhar as telas: repleta de mistério e muito aguardada pelos fãs, *The Sandman* estreia na Netflix a 5 de agosto. Ao comentar a demora na adaptação de sua famosa HQ, o escritor abusou da tradicional ironia a que seus admiradores estão acostumados: "durante mais de trinta anos, meu maior mérito foi impedir que versões ruins fossem feitas. Felizmente, sempre fui bem sucedido". Dessa vez Gaiman participou do roteiro e deu apoio à produção: "é a primeira vez que tenho total confiança em uma equipe e também na tecnologia que será utilizada, técnicas que seriam impensáveis dez ou quinze anos atrás". Composta por dez episódios, a série conta com Tom Sturridge no papel principal, Morpheus. "Sou apaixonado pelo texto de *The Sandman*. O que me deixou apreensivo nos testes de câmera não foi a atuação em si, mas a empolgação de saber que eu poderia ser parte desse universo", afirmou Sturridge. O ator se refere ao mundo fantástico onde a história acontece: em uma trama sombria e repleta de misticismo, o Mestre dos Sonhos é aprisionado durante um século. Essa ausência provoca distorções na realidade, eventos que ele tem de consertar quando consegue se libertar. *The Sandman* mostra por que Gaiman é um craque da mitologia contemporânea.

UMA SÉRIE COM MAIS DIVERSIDADE

Apesar de ser uma obra considerada clássica, o autor Neil Gaiman fez algumas modificações na hora de adaptar *The Sandman* para a Netflix. Criada em 1988, a trama não trazia a diversidade exigida pelo público mais jovem, por exemplo. Por isso, a trama ganhou mais personagens femininos, assim como negros e asiáticos. "Quis que a história trouxesse uma perspectiva mais atual", diz o autor. Outro grande desafio da série foi transformar em realidade os cenários criados por Dave McKean e Bill Sienkiewicz.

PARA LER

Derrubar Árvores: Uma Irritação é a segunda parte da famosa trilogia criada por **Thomas Bernhard**, que começou com *O Náufrago*. Por meio de um narrador cínico, o autor despeja seu ódio contra a narcisista sociedade de Viena no início do século 20.

PARA VER

Com um elenco de estrelas como Ryan Gosling (foto), Ana de Armas e o brasileiro Wagner Moura, **Agente Oculto** é a maior aposta da Netflix até hoje: o filme de ação custou U$ 200 milhões e foi filmado na França e República Tcheca.

PARA OUVIR

Decretos Reais – Vol. 1, EP póstumo lançado pela família da cantora **Marília Mendonça** (foto), provocou furacão na internet: foram mais de três milhões de downloads só no streaming Spotify. A cantora morreu em 2021, em um acidente de avião em Minas Gerais.

FOTOS: DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO; MARIANA OLIVEIRA REPRODUCAO/INSTAGRAM; FERNANDO YOUNG; CEMAL EMDEN; RUI MENDES; BERTRAND LANGLOIS/AFP

por Felipe Machado

LIVROS

Novas biografias na prateleira

Prestes a completar 80 anos, o artista baiano ganha nada menos que quatro novas biografias: *Outras Palavras: Seis Vezes* ***Caetano Veloso***, de Tom Cardoso; *Lançar Mundos ao Mundo*, de Guilherme Wisnik; *Letras*, compilação organizada por Eucanaã Ferraz; e *Lado C – A Trajetória Musical até a Reinvenção com a bandaCê*, de Luiz Felipe Carneiro e Tito Guedes. Para comemorar o aniversário, em 7 de agosto, Caetano faz live exibida pela Globoplay com participação de sua irmã, Maria Bethânia, e dos filhos, Moreno, Zeca e Tom.

EXPOSIÇÃO

Mestre da arquitetura moderna

Dezessete obras do arquiteto **Le Corbusier**, tidas pela Unesco como patrimônios mundiais, são tema de uma exposição no Museu da Casa Brasileira, em São Paulo. Considerado o pai da arquitetura moderna, o suíço será homenageado com maquetes, visitas virtuais em 3D e imagens retratadas em grandes painéis. "Ele foi um grande influenciador na formação da geração modernista de urbanistas e arquitetos brasileiros", diz Giancarlo Latorraca, diretor técnico do museu. A mostra fica em cartaz até 25/9 e tem entrada gratuita.

MÚSICA

Um trovador urbano no palco

O compositor **Maurício Pereira** é o típico cronista urbano: suas canções narram histórias do dia a dia, casos em que o autor lembra suas aventuras pelas ruas paulistanas. Conhecido pela participação na banda Mulheres Negras, com André Abujamra, Pereira se apresenta ao lado do guitarrista Tonho Penhasco. O show *Micro* acontece no Teatro Sérgio Cardoso, em São Paulo, em 6 e 7 de agosto. No repertório, um clássico da MPB: *Trovoa*, do álbum *Pra Marte*, de 2007.

MAKING OF

Os bastidores de *Maus*

Considerado um clássico dos quadrinhos para adultos, *Maus*, de **Art Spielgman**, é o famoso álbum ilustrado em que os "judeus são ratos e os nazistas são gatos". Inspirado em um drama familiar – sua família sobreviveu a Auschwitz –, a obra ganha uma edição de luxo complementar. *MetaMaus* traz entrevistas com o autor, esboços, layouts, uma árvore genealógica da família Spielgman e arquivos que ajudam a entender o contexto criativo que deu origem ao livro original.

por Mentor Neto

Escritor e cronista

A ESCOLINHA DO PROFESSOR BOLSONARO

São fartos os exemplos de atores, atrizes, cantores e comediantes que, ao longo dos anos, migraram dos palcos e telas para a política nacional.

Muitos deles, inclusive, tiveram enorme sucesso em suas novas atribuições, apesar de não me ocorrer nenhum nome, assim, de bate pronto.

Mesmo neste governo, que muitos acusam de ser tão pouco afeito à cultura, já tivemos alguns exemplos da arte migrando para a política.

Por exemplo aquele ator de importante telenovela do horário matutino que, alçado ao cargo máximo da cultura nacional, mostrou para nossa juventude que basta malhar para conquistar.

No mesmo cargo tivemos, anteriormente, a namoradinha do Brasil. Verdade que intimidada pela imprensa marrom não conseguiu os melhores resultados, mas provou que neste governo o machismo não passará e que para assuntos menores, como a cultura podemos, sim, contar com o sexo frágil.

Os exemplos da influência da arte neste governo são muitos.

Temos a presença, indireta é claro, do Midas da teledifusão, o patrono do empreendedorismo midiático que, desinteressado, escalou seu cunhado para dedicar tempo e conhecimento para o sucesso da Comunicação deste governo.

Então calem-se as vozes que insistem em criticar este presidente, alegando que seu governo não apoia a cultura.

E fontes garantem que a proximidade do presidente com a arte faz parte de um plano muito maior, que esta coluna revelará agora.

Com a proximidade de outubro, entre os fofoqueiros de plantão, corre à boca pequena, que a vitória do presidente não é mais dada como certa.

Há aqueles que asseguram que, se o presidente não for reeleito, inevitavelmente acabará coabitando com alguns de seus colegas políticos cariocas, uma das facilidades construídas pelo Estado para abrigar aqueles que não vivem sob as mesmas regras de convívio que a sociedade estabeleceu.

Imaginar esse fim para o presidente é acreditar que ele não tem cada passo de sua carreira planejado.

Militar expulso do exército com o peito cheio de honra, nosso presidente é um homem preparado para qualquer circunstância.

E seus planos - que revelo agora - são claros desde o início do governo.

Nosso presidente nunca viu no Palácio do Planalto um fim, e sim um meio de realizar seu sonho maior.

O sonho, guardado a sete chaves, de migrar da política para a arte.

Este nosso presidente nunca deu ponto sem nó, meu amigo.

Basta pensar quantas e quantas vezes nos fez rir com seu savoir faire.

Tantas e tantas piadas ao longo dos últimos 4 anos, que fizeram a diversão de milhões e milhões de brasileiros, finalmente se justificam.

E mais. Está explicado porque o presidente sempre teve como regra se cercar de personagens risíveis! Uma peneira que o mandatário fazia para saber quem tinha a verve do humor e que poderia contar após os quatro passageiros anos no poder.

Tudo caso pensado de um homem que tem o pulso de seu destino!

Agora, plano revelado, fontes informam que estão adiantadas as negociações para, assim que anunciada sua derrota, o presidente lance seu programa de humor.

Enquanto todos olham para as eleições, o presidente mira o futuro que sempre sonhou

Pesquisando um pouco mais, descubro que o programa deve se chamar "A Escolinha do Professor Bolsonaro", homenagem ao clássico eternizado por Chico Anísio.

Em sua versão revista e atualizada, o programa terá o presidente no papel principal e alguns alunos - ministros atuais ou passados - já são presença confirmada, como o astronauta, a moça da goiabeira, o ricaço, entre outros. Já dá para ter uma idéia do sucesso.

Dizem até que o encontro do presidente com os embaixadores, na semana passada, foi coisa preparada pela equipe de divulgação do programa.

Por isso não deixaram filmar.

A peça publicitária foi criada para divulgar o programa e será veiculada nos meses que sucederem a eleição.

Tem mais.

Dizem ainda que um segundo programa está em negociação, esse mais intimista, aos moldes de "A Grande Primeira Família".

Mas a negociação empacou com os filhos. Todos querem ser o Agostinho Carrara.

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista